

revista **PRIMAX**  
eletrônica

**OBRAS DE GUIDO BILHARINHO**  
**ARTE E CULTURA**  
**EDIÇÃO EM PORTUGUÊS**

**UBERABA/BRASIL**  
**JANEIRO - FEVEREIRO 2025**  
**ANO V**

**Nº 34**

**EDITOR**  
**GUIDO BILHARINHO**  
**EDITORAÇÃO ELETRÔNICA**  
**GABRIELA FREIRE E SOFIA FERREIRA**

# PRIMAX 34

## SUMÁRIO

EDIÇÃO EM PORTUGUÊS

### QUESTÕES

#### O Mundo Armado

Indústria Letal 7

Militarização do Espaço 11

A Advertência de Jimmy Carter 14

### TEATRO

#### Teatro Clássico Grego/Ciclo dos Atridas (II)

*Eletra* (420 a.C.) 17

*Orestes* (408 a.C.) 21

*Helena* (412 a.C.) 24

### ROMANCE

#### Romance de Humberto Henriques

*Constelações e Porcos Para o Comendador* (2007) 30

#### Romance Hispano-Americano/Equador

*Huasipungo* (1934) 34

#### Romance dos Estados Unidos

*Sartoris* (1929) 38

### CINEMA

#### Obra-Prima do Cinema Brasileiro

*São Paulo S/A* (1964) 49

#### Obra-Prima do Cinema dos EE.UU.

*No Tempo das Diligências* (1939) 55

#### Obra-Prima do Cinema Europeu/Alemanha

*Berlim, Sinfonia da Metrópole* (1927) 59

### HISTÓRIA DO BRASIL

#### Controvérsias

*Conjuração Mineira – Tiradentes* 63

### FICÇÃO E POESIA

Emprego 81

Efígie 84

### INDICAÇÕES

#### Lançamento

*O Patrimônio Cultural à Luz da Constituição* 86

### ESTE E NÚMEROS ANTERIORES NOS BLOGS

<https://revistaprimax.blogspot.com/>

<https://revistaprimax.wordpress.com/>

### E-MAIL

[guidobilharinho@yahoo.com.br](mailto:guidobilharinho@yahoo.com.br)

“A ARTE É UMA CONFISSÃO DE QUE A VIDA NÃO BASTA” – FERNANDO PESSOA

# APRESENTAÇÃO

## Questões

### O Mundo Armado

Para lá da inconsequência e desnecessidade de armas, que induzem ao ataque e não à defesa (apenas decorrência), o mundo ainda enfrenta e padece de sua excessiva e dispendiosíssima fabricação, desviando permanentemente vultosos recursos que deveriam ser direcionados à saúde, infraestrutura, educação, habitação, saneamento e alimentação.

## Teatro

### Teatro Clássico Grego/Ciclo dos Atridas (II)

Os Atridas, descendentes do rei Atreu, cujos filhos, Agamenon e Menelau, desencadearam a Guerra de Troia, têm também, como elementos relevantes, os filhos de Agamenon (Ifigênia, Eletra e Orestes), protagonistas de algumas peças gregas, examinadas as de autoria de Eurípedes, neste número juntamente com a dedicada à Helena, esposa de Menelau.

## Romance

### Romance de Humberto Henriques

Humberto Henriques (José Humberto Silva Henriques), médico em Uberaba, com suas mais de quatrocentas obras na *Amazon*, das quais mais de cem romances, constitui o maior fenômeno literário brasileiro pela tríplice convergência de qualidade, diversidade e quantidade exponencial de sua obra. Transcorrido no Estado brasileiro de Goiás, como diversos outros de seus romances,

*Constelações e Porcos Para o Comendador* (2007) é objeto de comentários neste número.

#### Romance Hispano-Americano/Equador

*Huasipungo* (1934), de Jorge Icaza, narrativo e realista, ressalta-se pela qualidade estética e propriedade temática, constituindo uma das mais qualificadas e contundentes obras ficcionais existentes.

#### Romance dos Estados Unidos

Em *Sartoris* (1929), de William Faulkner, a elaboração e a textura ficcionais revelam poderosa e desenvolvida argúcia na urdidura do conteúdo temático e no gizamento dos perfis psicofísicos das personagens.

### **Cinema**

#### Obras-Primas dos Cinemas Brasileiro, Estadunidense e Europeu

A cada número desta revista, e desde algum tempo, publicam-se ensaios sobre as obras-primas dos cinemas mencionados, focalizadas pela ordem cronológica de suas realizações, compondo aparato crítico-judicativo que reúne, expõe e comenta o que de melhor e mais significativo esses cinemas produziram.

### **História do Brasil/Controvérsias**

#### Conjuração Mineira – Tiradentes

Ambos (Conjuração e Tiradentes) objetos de contestação do papel relevante que comumente se lhes atribuem, expostos, de uns e de outros, os argumentos e fatos que alicerçam os respectivos posicionamentos.

## **AUTORIZAÇÃO**

Publicação ou reprodução de textos desta revista, no original ou em tradução, mediante solicitação.

## **TIRAGEM DESTE NÚMERO**

Edições em Português, Espanhol e Inglês

(Remessa por e-mail e WhatsApp)

**20.400** (vinte mil e quatrocentos) exemplares

para **140** (cento e quarenta) países.

# Questões

# O MUNDO ARMADO

## INDÚSTRIA LETAL

As pessoas preocupadas com o ambiente e com a preservação do patrimônio cultural geralmente não atentam para o aumento crescente da população e nem para o perigo nuclear, que, este, em caso de acidente ou guerra, não só afetará o ambiente e o patrimônio cultural como, dadas as proporções do conflito ou do acidente, o arrasará, anulando todo o esforço para sua preservação.



AVIÃO DE CARGA RUSSO DESEMBARCA PARTE DO SISTEMA DE DEFESA ANTIAÉREA S-400 NA PISTA DA BASE AÉREA DE MURTED NA TURQUIA

Os EE.UU. esforçam-se para impedir a construção de artefatos nucleares pelos países que não os possuem, empenhando-se nesse sentido atualmente com a Coreia do Norte e o Irã.

Contudo, não se empenham em desnuclearizar-se num acordo geral com os demais países detentores da bomba. Ao contrário, sob o Governo Trump, retirou-se de dois tratados fundamentais sob a perspectiva de, pelo menos, contenção da produção armamentista, o tratado com a Rússia para controle de mísseis e com o Irã.

Mas, em questão armamentista há aspecto menos dantesco, que é a permanente, acelerada (e também monstruosa) fabricação de armas em geral.

Essa indústria e o comércio que acarreta assumem proporções gigantescas tanto em destrutividade quanto em dispendiosidade.

O primeiro caso é de fácil compreensão, visto que toda arma é agressiva e destrutiva, sendo vão, capcioso e pretextual o argumento de que são fabricadas e utilizadas para defesa. Se são para defesa é porque se pressupõe a possibilidade de haver ou já ter ocorrido anterior agressão, eis que, nesta hipótese, aquela não precede a essa e, se o fizesse, seria para agredir e não para se defender.

No segundo caso, o dispêndio e a sangria monetária e econômico-financeira para construí-las e mantê-las são exorbitantes, permanentes e crescentes.

Os recursos destinados à fabricação e aperfeiçoamento (igual maior letalidade) dos arsenais de quase todos os países (exceto os abaixo indicados) são desviados da aplicação e atendimento das necessidades e do bem-estar das populações em

educação, cultura, moradia, saúde, saneamento, infraestrutura em geral e preservação ambiental e do patrimônio cultural.

Tão grave quanto isso é que ninguém, a não ser uma ou outra pessoa, se dá por isso. Não há campanhas desarmamentistas e nem ao menos debates sobre essa questão.

Para ilustrar o fabuloso desvio de recursos - muito mais do que qualquer corrupção - com a fabricação, promoção e comercialização de armas (instrumentos inúteis e desnecessários), basta atentar para as aquisições armamentistas procedidas anos atrás pela Turquia.

A Turquia (o pato daquela vez) negociou a aquisição de lançadores de mísseis S-400 da Rússia pelo valor de 2,5 bilhões de dólares (mais ou menos 10 bilhões de reais). Isso, no entanto, não lhe bastou, pretendendo adquirir ainda cem caças da quinta geração de aviões F-35 dos EE.UU., custando, CADA UM deles, cem milhões de dólares (mais ou menos quatrocentos milhões de reais), no importe total desse negócio macabro de dez bilhões de dólares.

Não só isso, porém. Além dos permanentes e vultosos custos de manutenção, dentro de alguns anos todo esse armamento estará obsoleto e ultrapassado, voltando o (des)Governo turco a efetuar novas e bilionárias aquisições armamentistas.

Todas essas armas e todo esse dinheiro gasto não produzem nada e em nada contribuem para o progresso do país e o bem-estar de seu povo. Muito ao contrário.

Porém, o mais grave e escabroso é que todos os países (salvo Costa Rica, Andorra, Dominica, Granada, Vaticano, Kiribatí, Samoa e mais meia dúzia de outras minúsculas nações) fazem isso, desviando e gastando bilhões que poderiam e deveriam (se o ser humano fosse racional) ser aplicados para o fomento das atividades produtivas do bem-estar do povo e da preservação ambiental e do patrimônio cultural.

Contudo, repita-se, mais grave (e hediondo) do que isso é que ninguém (exceto raras, isoladas e não ouvidas pessoas) se importa com essa indústria da morte.

*(Jornal da Manhã, Uberaba, 27 outubro 2024)*

# A MILITARIZAÇÃO DO ESPAÇO

Na atualidade, sobrepára - é bem o termo - sobre o planeta o perigo da militarização espacial, área já poluída, segundo se informa no documentário *Pax Americana - A Militarização do Espaço* (Pax Americana, EE.UU., 2009), de Denis Delastrac, por uns 600.000 (seiscentos mil) fragmentos, formando formidável lixo espacial, que não tem possibilidade de se limpar, pelo que, como advertido nesse documentário, há de se preocupar também com o meio ambiente no espaço e não só na terra.



Nesse notável filme, realizado e conduzido serenamente e sem alarmismos, tudo está dito e demonstrado sobre a questão. Eis a assustadora problemática:

a) Sem o espaço, os Estados Unidos não efetivam mais nenhuma operação militar, hoje toda controlada por satélites, como, aliás, as comunicações em geral;

b) O espaço, por isso, tornou-se altamente estratégico e arena de guerra, constituindo o que, no jargão militar, se conhece por nova “parte alta”, que são, por exemplo, as colinas, cuja conquista e domínio eram e são imprescindíveis nos combates tradicionais para se conseguir êxito militar;

c) A presença militar no espaço só tende a crescer pelo fato de que é e será cada vez mais o novo campo de batalha;

d) As armas espaciais estão sendo celeremente fabricadas e aperfeiçoadas, não obstante as proibições de militarização da área, prevendo-se atingir qualquer lugar da terra em 30 (trinta) minutos e, futuramente, em 5 (cinco) ou 10 (dez) minutos, ficando o planeta refém dessa possibilidade de consequências dantescas;

e) Em decorrência disso, quanto mais cercado o planeta de armas espaciais, mais vulneráveis se tornam as populações;

f) A Europa não mais existe militarmente falando, o que é, paradoxalmente, nesse quadro anômalo, fator de desequilíbrio;

g) Tudo isso, ao invés de segurança, causa instabilidade, visto, como adverte o filme, estarmos à beira de um precipício nuclear;

h) “*Seria, pois, melhor se fossemos [os Estados Unidos] fracos*”, o que, lá, com as exceções pacifistas, ninguém admite;

i) Em conclusão, o debate sobre a militarização espacial é um dos mais importantes do século XXI, quando não o mais.

Por que as ongs internacionais, que gastam milhões trazendo canastrões hollywoodianos ao Brasil em campanhas milionárias (financiadas por quem?) contra o desmatamento da Amazônia, bem como as desfrutáveis ongs brasileiras *soi disant* ambientalistas não se preocupam (e se ocupam) *também* com a poluição (e militarização) espacial?

\*

Por fim, é de se lembrar que a *Pax Romana* significava a paz dos cemitérios, já que suas legiões “pacificavam” as regiões conquistadas por meio do massacre de suas populações. Mais ou menos (ou só mais?) o que se fez nos Estados Unidos e em tantos outros lugares com as populações indígenas, colonizações portuguesa e espanhola incluídas (e como!).

É necessário dizer mais?

(*Jornal da Manhã*, Uberaba, 6 novembro 2024)

## A ADVERTÊNCIA DE JIMMY CARTER



JIMMY CARTER

Nos meados do mês de abril de 2020 o ex-presidente dos EE.UU., Jimmy Carter, interpelou o então presidente Trump sobre o número de vezes que a China entrou em guerra. Nenhuma, enquanto os EE.UU. o fizeram várias vezes, estando constantemente em guerra para manter sua hegemonia econômica mundial.

Ao invés de gastar bilhões com armamentos e guerras, a China, afirma Carter, investe seus *“recursos em projetos de infraestrutura, ferrovias intercontinentais de alta velocidade, transportes transoceânicos, tecnologia 6G, inteligência robótica, universidades, hospitais, portos e edifícios em vez de usá-los em despesas militares [...] Nós desperdiçamos U\$ 300 bilhões em despesas militares para submeter países que procuravam sair da nossa hegemonia. A China não desperdiçou um centavo em guerra e é por isso que nos ultrapassou em quase todas as áreas”*.

Difícilmente alguém poderia ser mais preciso e exato.

Além dos desvios pelos EE.UU. do erário público para a destruição armamentista e da acertada política chinesa de aplicação desses recursos em infraestrutura e avanços

tecnológicos – cruciais no mundo moderno – ressalta-se nas sábias ponderações de Carter a acusação de que o poderio bélico estadunidense é destinado à submeter os demais países.

Carter, do alto de sua autoridade de honrado ex-presidente os EE.UU., não é o primeiro grande líder ianque a efetuar tal acusação. O ex-presidente Eisenhower, marechal e comandante supremo das forças aliadas ocidentais na 2ª Guerra Mundial, denunciou frontalmente o estamento industrial-militar de seu país.



EISENHOWER

Importante, ainda, no texto de Carter, é sua referência de que o declínio dos EE.UU. deve-se a seus gastos militares. Todavia, não só. O declínio do império estadunidense – como o de Roma e da Grã-Bretanha, por exemplo – resulta de complexo de contradições e fatores endógenos, um dos quais, sem dúvida, são os exorbitantes gastos militares para manutenção e ampliação contínua da enorme máquina militar, inútil do ponto de vista das necessidades e progresso da humanidade.

Em consequência, como até ex-presidentes dos EE.UU. advertem – um deles consagrado militar – os gastos militares constituem desvio da finalidade de promoção do bem-estar e do progresso da humanidade e ampliação e aperfeiçoamento dos instrumentos indispensáveis a esse desiderato, o único moralmente aceitável e propugnável.

*(Jornal da Manhã, Uberaba, 9 novembro 2024)*

A graphic featuring the word "Teatro" in a black, cursive script font, centered within a horizontal, light blue brushstroke that has a textured, hand-painted appearance. The brushstroke is slightly irregular and tapers at both ends.

Teatro

# Teatro Clássico Grego

## EURÍPIDES

### CICLO DOS ATRIDAS (II)

#### ELETRA

#### Questões Circunstanciais

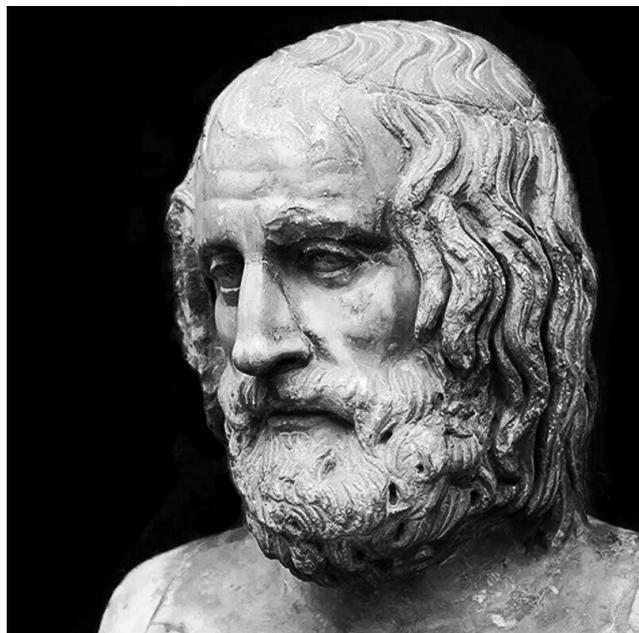
No rol das tragédias do teatro clássico grego existem duas peças intituladas e respeitantes à Eletra. Uma de Sófocles. Outra de Eurípides.

As datas de suas confecções constituem tema de controvérsias e debates. Tudo leva a crer, porém, que a de Sófocles

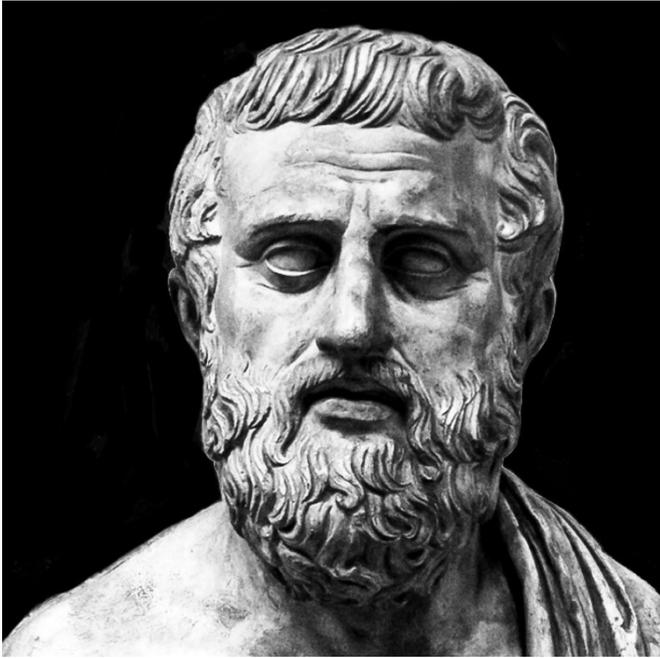
(425 a. C.) antecede a de Eurípides (420 a. C.), a se aceitar a datação indicada.

Se isso for certo, essa circunstância depõe desfavorável e triplamente contra este último.

Primeiro, por aventurar-se a elaborar peça sobre tema preexistente. Segundo, por ele constituir-se em obra-prima



EURÍPIDES



SÓFOCLES

inexcedível. Terceiro, por fazê-lo de modo acentuadamente inferior à peça de Sófocles.

A *Eletra*, de Eurípides, é inferior à sua antecessora em todos os aspectos, desde a composição poética ao teor dos diálogos e à estruturação e condução

do fio narrativo, apresentando, nesse fazer, pelo menos cinco distinções em relação à sua antecedente.

1

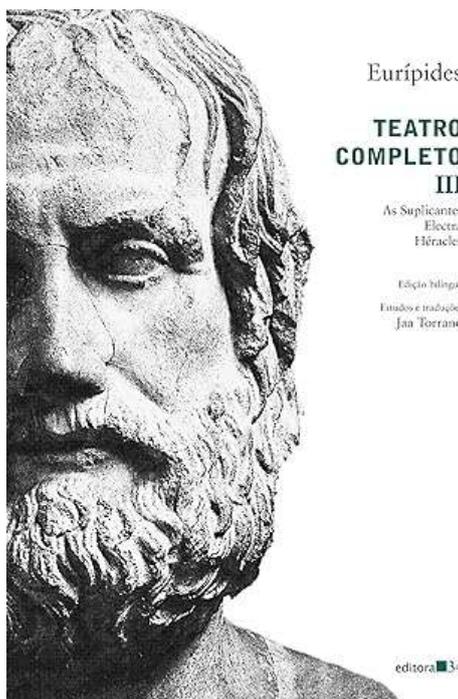
Na peça de Sófocles, Orestes chega à Micenas, na região de Argos, com seu Preceptor. Na de Eurípides, esse preceptor age como o Ancião, surgindo e atuando independentemente de Orestes.

2

Na primeira peça, Eletra não contrai matrimônio e nem se cogita disso. Já na de Eurípides surge casada com pobre camponês que lhe foi impigido e que, por sinal, inaugura a peça com fala surpreendente sobre realidade mítica que, dada sua marginalização social e falta de formação cultural, não tinha possibilidade de conhecer.

### 3

Nessa primeira peça, a de Sófocles, é importante elemento a falsa e detalhada notícia trazida ao palácio real (de Clitemnestra e Egisto) pelo Preceptor a respeito da morte de Orestes. Na segunda, de Eurípides, é o próprio Orestes que entra em contato direto com Eletra em dialogação, sem se dar a conhecer, mas, afirmando trazer notícias de seu irmão.



### 4

Na primeira, os assassinios de Clitemnestra e Egisto ocorrem no palácio, enquanto, na segunda, o de Egisto se dá em festa por ele organizada e, o da Rainha, na pobre residência de Eletra, a quem fora visitar por ser informada de seu (inocorrente) parto.

### 5

Na primeira, por fim, é Orestes quem assassina o casal. Na segunda, o faz em relação a Egisto, mas, em conjunto com Eletra no concernente à mãe, “*Exortei-te e junto contigo/ desferi a faca. Cometi/ a mais terrível calamidade*” (versos 1.224 a 1.226, da tradução de Jaa Torrano. *Eurípides. Teatro Completo – III*. São Paulo/SP, editora 34, 2023, p. 253).

Tais variantes anulam o efeito trágico-dramático da contextualização efetuada por Sófocles, diluindo, na peça de Eurípides, a ocorrência e praticamente eliminando o impacto

causado pela enormidade de tragédia centrada no assassinio de sua mãe pelos filhos.



CENA DE *ELETRA, A VINGADORA*

Por sua vez, nem de longe os diálogos da peça euripidiana se comparam e atingem o vigor e estabelecem as nuances lógicas e racionais dos debates travados na peça de Sófocles, já que se circunscrevem na quase totalidade a questões circunstanciais.

\*

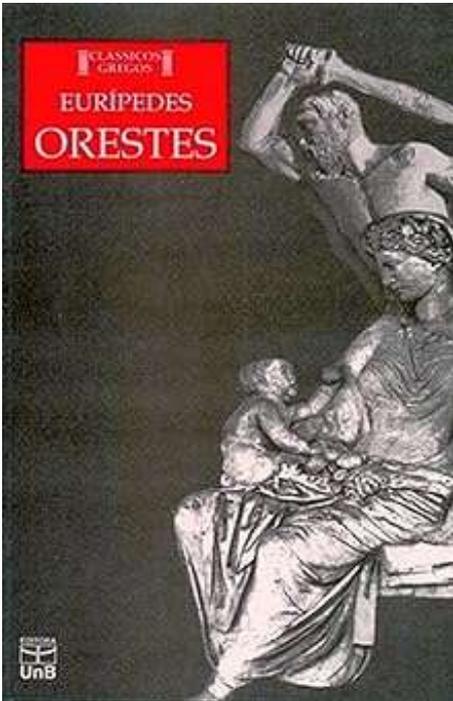
Já o cineasta grego Michael Cacoyanis, ao eleger argumento para seu filme *Eletra, a Vingadora* (*Elektra*, Grécia, 1962), optou pelo diluidor texto de Eurípides, realizando película por esse mesmo diapasão.

\*

Segundo Gilberto Resende, referenciado na p. 23, existem pelo menos duas óperas sobre Eletra. Uma, do compositor sueco J. C. Friedrich Haeffner, estreada em 1787. Outra, do compositor alemão Richard Strauss, estreada em 1909. Ambas encontradas na Internet e no Youtube. (Inédito)

# ORESTES

## Espetacularização Temática



À semelhança do que fez com *Eletra* (420 a. C.), abordando o mito já anteriormente focalizado por Sófocles na peça homônima (de 425 a. C.), Eurípides (480/84-406 a. C.) retomou em *Orestes* (408 a. C.) o tema desenvolvido por Ésquilo em *As Eumênides* (458 a. C.), ou seja, as decorrências do matricídio de que Clitemnestra foi vítima.

Igualmente ao ocorrido com *Eletra*, em *Orestes* essa nova retomada temática sofreu não apenas alterações fáticas ou circunstanciais, mas, diversa concepção e execução elaborativa, não obstante constituir o julgamento de Orestes o fio condutor da ação dramática em ambas as peças.

Essa convergência permite e facilita sua comparação, bastante desfavorável, por sinal, a Eurípides.

A peça de Ésquilo é requintada, desenvolvendo-se por meio de vigorosa e apropriada dialogação, procedida em elevado nível elaborativo, tanto formal quanto temático.

O debate nela se trava entre Apolo, Coro, Corifeu, Fúrias e Atena com cabíveis intervenções de Orestes.

As proposições e argumentos brandidos no conflito de posições ocorrente entre Apolo, de um lado, e as Fúrias e o Corifeu, de outro, configuram-se em alto patamar qualitativo, não



APOLO

só pela conceituação articulada como, também, por sua formalização verbal, alcançando efeito generalizado e universal.

Já o *Orestes*, de Eurípides, patina e se perde em espetacularização do tema, com lances descabidos de dramalhão envolvendo as personagens Helena, Menelau, a filha de ambos, Hermíone, além de Orestes, Eletra, Pílades e, até, Tindáreo, pai de Helena e Clitemnestra.

A vulgarização ficcional atinge direta e duramente a formalização e o teor das intervenções promovidas por essas personagens, descambando-as para vulgaridades próprias de acontecimentos criminais.

O desforço não só intelectual da contenda entre os figurantes, mas, também físico, atinge ponto de ebulição irresolúvel pelos meios normais de entendimento e consenso.

Armada essa verdadeira arapuca ficcional, Eurípides, sem saída lógica e racional, apela para a convocação de Apolo, a modo de *deus ex machina* que tudo resolve, para dirimir o impasse, o que é procedido, como de se esperar, pelo modo mais fácil e arbitrário possível.

\*



AS FÚRIAS

Há, no entanto, de se ressaltar na peça de Eurípides a angustiada ambiência estabelecida entre Orestes, Eletra e Pílades, verdadeiramente perdidos entre a gravidade e repercussão do crime cometido e a reação dos habitantes da cidade.

\*

Por sua vez a edição linear da tradução de Augusta Fernanda de Oliveira Silva (*Orestes*. Brasília, editora Universidade de Brasília, 1999), dilui um tanto a força dramática da peça.

\*

Gilberto Resende, promotor cultural, fundador e dirigente da Casa do Folclore em Uberaba e um dos maiores conhecedores de ópera do país, em relação elaborada para complementar e ampliar as informações aqui ventiladas sobre o teatro clássico grego, informa existirem óperas sobre Orestes dos compositores italianos C. Alberti, Domenico Cimarosa, Benedetto Micheli, C. Monza, Francesco Morlacchi, G. Moneta, G. A. Perti, C. F. Pollaroli e Vincenzo Federici.

(Inédito)

# HELENA

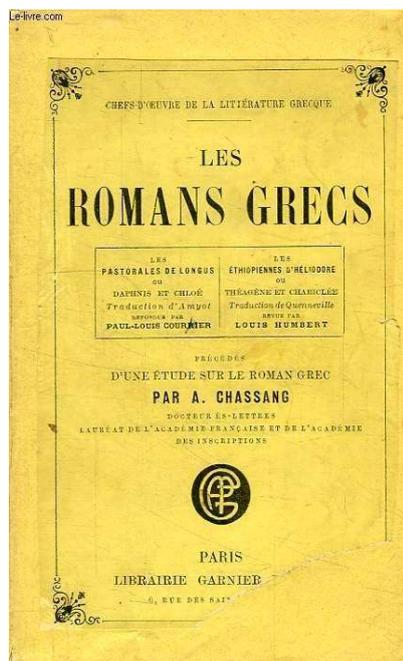
## Antecipações Surpreendentes

### A Cultura Grega

A obra literária (epopeias, tragédias, comédias, poesias e romances) e filosófica (pré-socráticos, Platão e Aristóteles) dos gregos atinge patamar qualitativo e de complexidade e dimensões não ocorrido antes nem depois de seu surgimento e prática em nenhum lugar do mundo.

Menos conhecidos e divulgados, mas no romance também, de Héliodore e Longus, entre outros, autores, respectivamente, de *Les Éthiopiennes* e *Daphnis et Chloé*, editados pela Garnier, de Paris, sob o título geral de *Romans Grecs*, ano não indicado.

Mesmo porque nessas áreas da atividade cultural humana tudo o que se produziu posteriormente traz seu sainete e influência, representando quase inteiramente desdobramentos e ampliações de suas realizações e proposições, configurando-se e perfazendo a base intelecto-cultural sobre a qual se erigiu a profusão criativa no decorrer dos últimos dois milênios e meio.



Sem essa base, tudo no período posterior até aos dias correntes seria diferente e, certamente, mais restrito e pobre em criatividade, efetivação, alcance e valor.

## A Surpreendente Antecipação



HÉLIODORE

A par disso, a par da consistência cultural-humana da literatura e da filosofia gregas, de sua inventividade, diversidade e profundidade conceptivas e elaborativas, a genialidade grega previu e antecipou, visionária e surpreendentemente, possibilidades e invenções só possíveis e surgidas mais de dois milênios depois nas áreas da robótica e da clonagem de seres vivos.

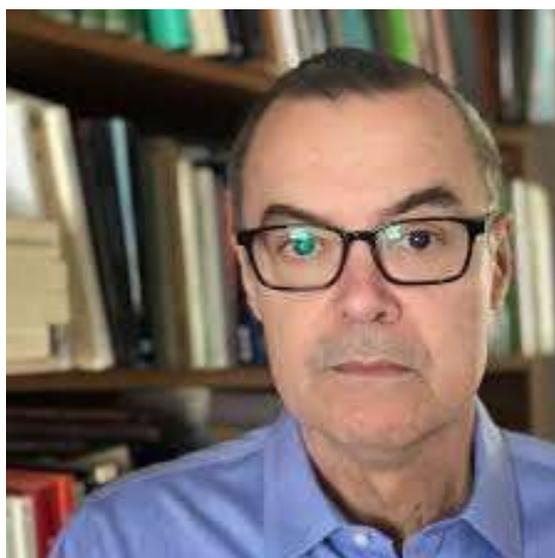
## Robôs

Homero na *Iliada* (século VIII a. C.) previu e descreveu robôs, ao expor, conforme referido em artigo sobre essa epopeia (*Primax* nº 30), que “*ladeado por duas estátuas / de ouro, semelhantes a moças dotadas de vida, pois ambas / entendimento possuíam, alento vital e linguagem / sobre entenderem das obras que aos deuses são gratas*” (*Iliada*. 4ª edição. São Paulo/SP, edições Melhoramentos, 1962, canto XVIII, versos 417/420, tradução de Carlos Alberto Nunes).

## Clonagem

Não bastasse isso, Eurípides (480/84 – 406 a.C.) em *Helena* (412 a.C.) não só antecipou a possibilidade de reprodução artificial do ser humano (clonagem) como toda a mencionada peça e seus fundamentos giram em torno dessa ocorrência, explícita em várias oportunidades, a exemplo:

*“És uma réplica idêntica de Helena”* (Menelau, verso 562); *“Jamais estive em Troia, foi meu simulacro”* (Helena, v. 582); *“E quem manufatura corpos que enxergam?”* (Menelau, v. 583); *“O éter, do qual o deus plasmou tua companheira”* (Helena, v. 584).



TRAJANO VIEIRA

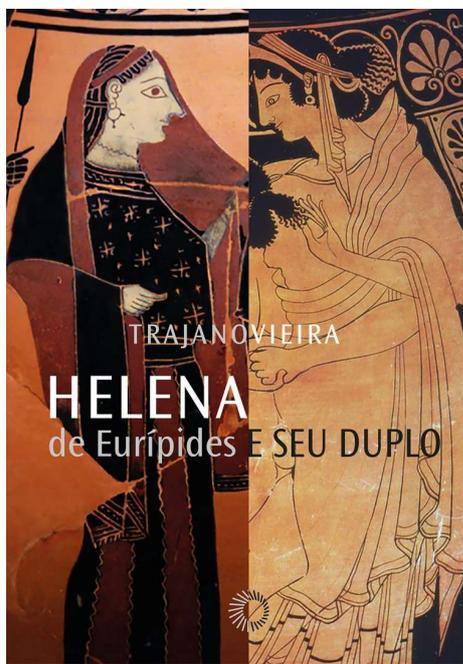
## Significação

Aos que se sabe, não havia, do ponto de vista científico e tecnológico, nenhum estudo ou experimento nesse sentido que pudesse inspirar e embasar as avançadas concepções de Homero e de Eurípides, como o ocorrido com os autores modernos da ficção científica (Huxley, Orwell, Asimov, Clarke, Bradbury, Simak, Ballard, etc).

Aliás, nesse caso, como nos demais episódios e personagens da dramaturgia trágico-mitológica grega, cumpre – se é que já não existe - indicar e delimitar, se possível, o que é dado

mitológico e o que é próprio e exclusivo de seus autores nominais, entendendo-se aquele como criação também individual anônima incorporada ao entendimento coletivo.

### A Peça



Constitui prática usual na mitologia grega, agasalhada pela dramaturgia bem como pela criatividade pessoal de seus autores, apresentar diversas versões para o mesmo fato ou acontecimento.

Nenhuma, no entanto, tão surpreendente como a ocorrida com Helena.

A hipótese corrente, assaz divulgada e conhecida, é de que Helena, esposa de Menelau, rei da Lacedemônia, foi para Troia acompanhando Páris, filho do rei Príamo, do que teria resultado a prolongada Guerra de Troia.

Inimaginável, e mesmo improvável, qualquer divergência nesse raconto milenar.

Contudo Eurípedes (ou a tradição mitológica dramatizada por ele) dele divergiu, propondo nada mais nada menos do que a existência de duas Helenas. Uma, a verdadeira. Outra, a clonada. Uma, que foi para Troia. Outra, para o Egito, onde transcorre a trama dessa peça.

Na verdade, *Helena* não chega a configurar tragédia, restringindo-se à feição apenas dramática, à semelhança de *Ifigênia em Táurida* (414 a.C.), do mesmo Eurípedes, na qual, como em *Helena*, a tragédia é prevista, pairando como ameaça.

Como a estrutura dramática é restrita e concentrada sobre dois fatos apresentados objetivamente, a peça não atinge complexas formulações intelectuais, cingindo-se sua dialogação a tratativas concretas das personagens em torno da pretensão e ameaça do rei Teoclimeno e a maquinação e providências de fuga de Menelau e Helena, estando apenas referenciados os precedentes dessa aventura, excetuadas algumas intervenções do Coro, de alta elaboração intelectual e poética.

Há, na peça, passagem das mais significativos e intrigantes para a época, há uns dois mil e quinhentos anos atrás, respeitante à superpopulação do planeta, na indicação de que: “*o plano do Cronida [Zeus] acresce outros males: / alastra a guerra pelo solo grego e entre / os frígios [os troianos] infelizes para aliviar / a terra mãe de superlotação humana*” (versos 37 a 40 na tradução de Trajano Vieira).

A elaborada tradução de Trajano Vieira (São Paulo/SP, editora Perspectiva, 2018), perfilhando, como usualmente procede esse tradutor, a linhagem concretista, apresenta série de fusões terminológicas concentracionárias do texto, a exemplo de *cianurazul* (verso 179, p. 46), *multialgoz* (v. 198, p. 47), *branquiníveo* (v. 215, p. 47), *bronzimoradia* (v. 245, p. 49), *gorjilongas* (v. 1.486, p. 134), *verdiglaucas* (v. 1.501, p. 134).

\*

Helena também foi tema de várias óperas, conforme levantamento de Gilberto Resende, de autoria dos compositores italianos Pier Francesco Cavalli, Y. d’Alessio, G. D. Freschi e F. Navarra. (Inédito)

A thick, vibrant green brushstroke that tapers at both ends, creating a sense of movement and energy. The word 'Romance' is written in a black, elegant cursive font across the center of this stroke.

*Romance*

CONSTELAÇÕES E PORCOS PARA O  
COMENDADOR  
Tempo e Espaço

Arquitetura da Ficção

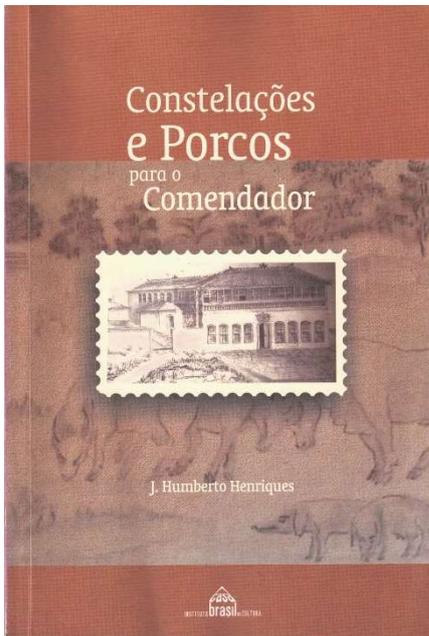
Muito além do conto e do poema que equivalem, comparativamente, à construção de residência de único cômodo, o romance exige a edificação de todo um edifício com inúmeras residências compostas de diversos compartimentos. Se aqueles circunscrevem-se apenas a um fato ou um tema, este estende-se horizontal e verticalmente em várias



unidades e direções que se HUBERTO HENRIQUES intercambiam e se comunicam, nas quais personagens, as mais díspares, por sua atuação, ações e relacionamentos exercitam seus pulsos, impulsos e pulsões, compondo, ora concentrada ou intensamente, ora aleatória e fragmentariamente, verdadeiros e singulares universos.

## Categorias da Ficção

Conquanto multívagas, complexas e desdobráveis em atos,



ED. FÍSICA

vivências e conflitos, apenas em dupla linha elaborativa se manifestam os romances, configurando duas grandes categorias da ficção, a narrativa e a substantiva ou substancial, limitando-se a primeira à descrição da realidade como manifestada e exteriormente exercitada, enquanto a segunda adentra e expõe a essência humana e suas correspondentes ações e reações.

## O Romance

Se o título, *Constelações e Porcos Para o Comendador*, de Humberto Henriques (Goiânia, Instituto Brasil de Cultura, 2007 e na Amazon, 2016), padece de inconveniências e bizarrices, não assim o livro, uma das obras-primas do romance, que se erige em articulada estrutura-ficcional, na qual a exposição fática das andanças, atitudes, motivações e



ED. ELETRÔNICA

relacionamentos das personagens se espriam por espaços e

modos vivenciais e convivenciais singularizados de conformidade com seus caracteres biotipológicos e condições e posicionamentos econômicos e sociais determinantes e condicionantes, à guisa de complexa obra arquitetural.

A existência e atuação das personagens transcorrem no século XIX no município de Meia Ponte, atual Pirenópolis, no Estado de Goiás, que, conquanto determinadas e marcadas, como não poderia deixar de ser, por essas condicionantes espaço-temporais e não obstante mergulhadas em ambientes sócio-humanos particularizados, apresentam-se configuradas e conduzidas consoante a estirpe mais autêntica da conformação humana em sua substancialidade.



PIRENÓPOLIS ANTIGA

Se há fatos (e muitos), se há conflitos (diversos), se há perplexidades, hesitações e inseguranças pessoais (inúmeras) coexistindo com posicionamentos firmes e seguros (vários), a base e o fundamento desse intrincamento existencial repousam no substrato substancial do ser humano, tanto em si, em sua

subjetividade una e única quanto em situação e ação, formatando estruturas psico-somáticas autônomas e independentes umas das outras, mas, a elas vincadas e vinculadas pelas vivência e convivência em mesmo espaço e tempo.

Um mundo que se constrói ficcional, mas, tão concreto e existente quanto o real por força da utilização de predicados humanos, técnicos e formais manifestados em alto grau de elaboração artística, ao nível mais elevado dos até hoje produzidos pela inteligência humana.



#### PIRENÓPOLIS CONTEMPORÂNEA

Mundo imaginativamente real, configurado e conduzido por extraordinário poder verbal e ativado e guiado por acentuada poetização, em que das situações comuns e cotidianas se extraem o sumo e a súpula mais autênticos da consistência do humano, de seu existir e agir.

(Inédito)

# Romance Hispano-Americano

## EQUADOR

### HUASIPUNGO

#### Realismo e Contundência

Ao mesmo tempo narrativo e realista no mais alto grau, o romance *Huasipungo* (1934), de Jorge Icaza (Equador, 1906-1978), destaca-se pela alta competência com que o autor desenvolve a narrativa e a amarra a um senso de realidade coeso e coerente.

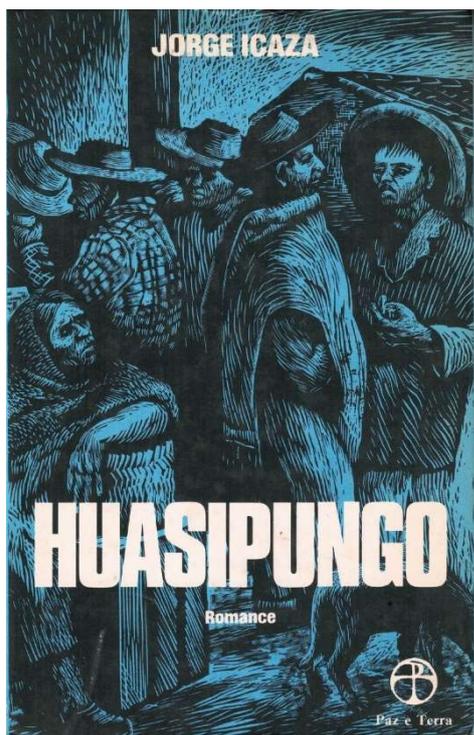


Jorge Icaza

Conquanto restrito a narrar fatos, circunstâncias, atividades e comportamentos das personagens, o romancista plasma, de maneira direta e eficaz, toda a essência de realidade confrangedora e constrangedora do relacionamento de elementos da classe dominante (proprietário rural rude, insensível e impiedoso, padre cínico, oportunista e ganancioso, burocratas civis e policiais subordinados ao poder econômico) com a população indígena remanescente e sucessora de estirpe outrora única senhora das terras, florestas, rios, cordilheiras e descampados americanos.

Estirpe, porém, que não teve possibilidade e poder para enfrentar e repelir os invasores surgidos de inopino às bordas de

suas praias, dada sua precariedade civilizatória, desarme tecnológico, imaturidade política e total falta de tino administrativo, porque mesmo as mais desenvolvidas (incas e astecas) sucumbiram face à experiência, à tecnologia e armamentos superiores dos europeus.

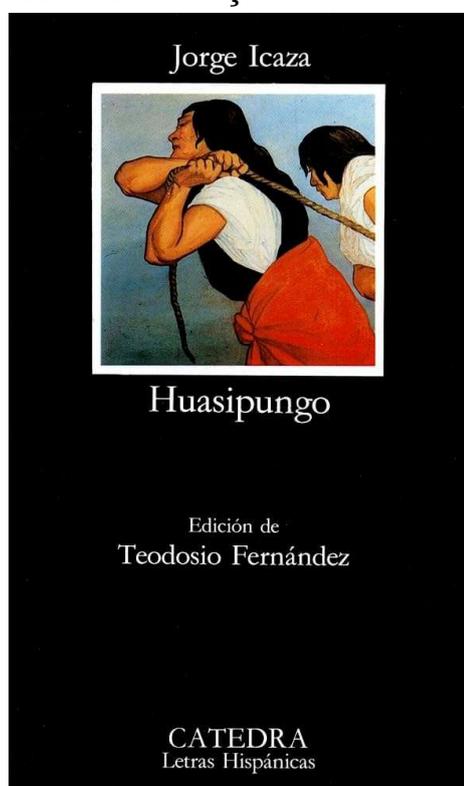


ED. BRASILEIRA 1978

*Huasipungo*, de *huari* (casa no idioma quíchua) e *pungo* (porta), constitui, conforme nota esclarecedora no livro, “*parcela de terra que o dono da fazenda concede à família índia em troca de trabalho diário*”.

O romance é isso. Narrativa realista de situação altamente exploratória, discricionária e absoluta do trabalho humano, de seres humanos. De situação que se desenvolve em sucessão e encadeamento de fatos implicando capital e exploração estrangeira aliados à cooptada classe dominante local em detrimento da população indígena esfomeada, desamparada e carente.

Num crescendo assoberbante de opressão de um lado e



ED. ESPANHOL 1994

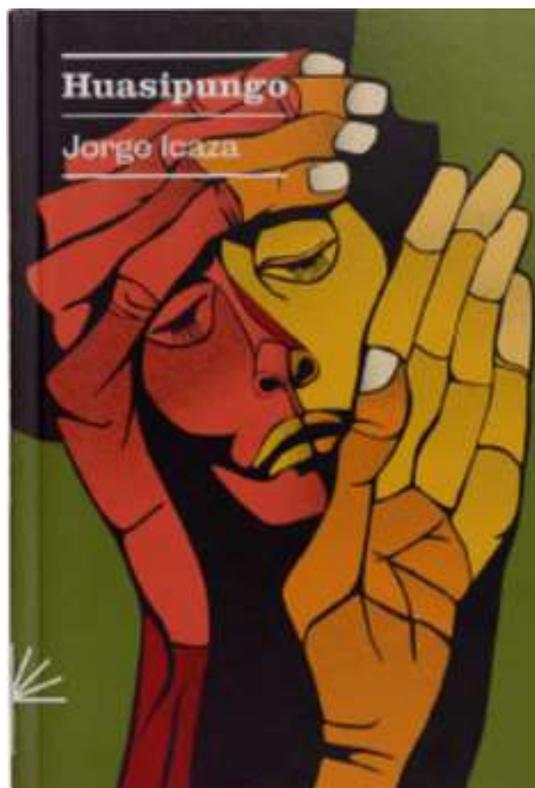
aniquilamento paulatino de outro em ascendente espiral construída ficcionalmente e exposta em anteposições comportamentais individualizadas, o que confronta é toda uma estrutura econômico-social opressiva que conforma e impõe comportamentos e atuações de domínio e subordinação, mantidos e velados por forças armadas permanentes.

*Huasipungo*, pelo tratamento estético, pela disposição e substrato organizacional e pelo entranhado humanismo que o preside e direciona, compõe monumento literário erguido sobre a concreticidade do real e conduzido por eficiente estruturação ficcional e soberba exposição verbal.

Na literatura dificilmente será encontrada obra de tal contundência na fixação da exploração de seres humanos simples, destituídos de malícia e maldade, desamparados e presas inermes da crueldade humana condicionada e acionada pela conformação sistêmica da sociedade.

\*

Icaza, conquanto autor de inúmeros outros romances, dado o inexistente intercâmbio cultural (artístico e científico) entre o Brasil e as demais nações latino-americanas, não é muito



ED. BRASILEIRA 2023

conhecido no Brasil, não obstante *Huasipungo* ter tido várias edições no país, conforme indicadas as duas primeiras pelo escritor Salim Miguel (editora Guaíra, Curitiba/PR, 1941; editora Edinova, 1968; editora Paz e Terra, Rio de Janeiro/RJ, 1978; edições 70, Rio de Janeiro/RJ, 1980; editora Pinard, São Paulo/SP, 2023).



EQUADOR

## **Icaza no Brasil**

(artigos arquivados de jornais e periódicos indicados em ordem cronológica)

CAÑIZAL, Eduardo Peñuela – “Um Aspecto da Obra de Icaza” (*Suplemento Literário de O Estado de São Paulo*, São Paulo/SP, 26 outubro 1963).

MIGUEL, Salim – “Uma Tragédia Indígena” (*Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro/RJ, 2 dezembro 1978).

(Inédito)

# Romance dos Estados Unidos

## *SARTORIS*

### Complexidade e Sutileza

*Sartoris* (1929), romance de William Faulkner (E.E.U.U., 1897-1962), narra condições e situações de membros da família Sartoris, estabelecida no sul dos Estados



WILLIAM FAULKNER

Unidos, tendo, como sulistas, seus mais velhos elementos ainda portando ressentimentos da não assimilada derrota na Guerra de Secessão (1861-1865).

A técnica narrativa utilizada, mercê de seu alto padrão elaborativo e formulatório, não empece nem entorpece a fixação do caráter e da personalidade unívocos das personagens principais (o velho e o novo Bayard, miss Jenny e Simon).

Nem, muito menos, impede a sutileza com que Faulkner constrói e desenvolve a consistência humana das personagens e tece os liames que as unem em convivência também altamente burilada, tão consistentes, naturais e autênticos quanto o existir

e o transcorrer de vidas e entrelaçamentos ocorrentes na realidade.

Faulkner alia poderosos dons de observação, análise e conhecimento de fatos e circunstâncias humanas e suas peculiaridades com hábil, dúctil e superior utilização e manejo da linguagem.

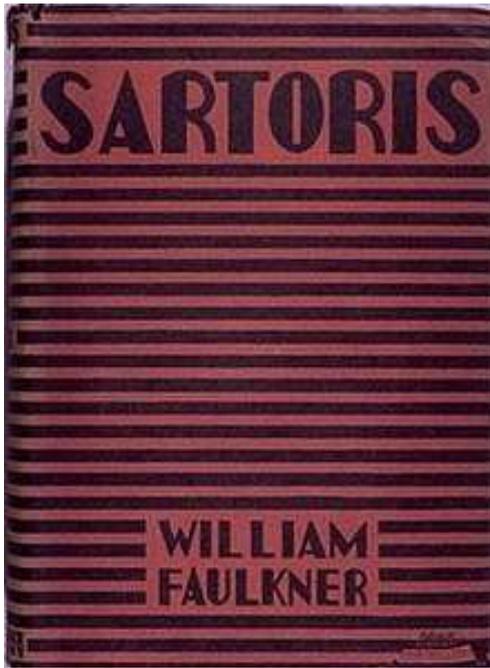
Dessa união exsurge, sólido e consistente, mundo ficcional real e plausível.

Os interstícios da ação e dos relacionamentos são entremeados de referências aos contornos ambientais que ornaram os quadros vivenciais, acompanhadas de dados paisagísticos requintadamente descritos, sempre oportuna e discretamente esboçados, bem como seguidas de constantes e apropriadas comparações.

A elaboração e a textura ficcionais revelam poderosa e desenvolvida argúcia na urdidura do conteúdo temático e no gizamento dos perfis psicofísicos das personagens.

Contudo, dada a complexidade da formulação e das elisões procedidas, certas passagens apresentam dificuldades de seu entendimento, exigindo do leitor releitura e esforço de compreensão, sempre, porém, com renovado prazer estético.

Até mesmo personagens, antes não aludidas e muito menos ainda contextualizadas, surgem de inopino, provocando certo estranhamento.



EDIÇÃO EE.UU.

Nada disso, porém, afeta ou atinge a contextua magna da obra, uma das mais consistentes da ficção, daquelas que dão a maior contribuição para entendimento das décadas iniciais do século XX nos Estados Unidos.

\*

No que tange, particularmente à natureza, são numerosas e constantes as menções a *flores* e *plantas*, a exemplo de magnólias, narcisos, jasmims, gladiolos, madressilvas, murtas, siringas, verbenas, olmos, sicômoros, diósporais, carvalhos, cedros, pinheiros, salgueiros, ulmeiros, bem como a *pássaros* (poliglotas, tordos, rouxinóis, mochos), revelando atenção, interesse e sensibilidade às poéticas manifestações da realidade.

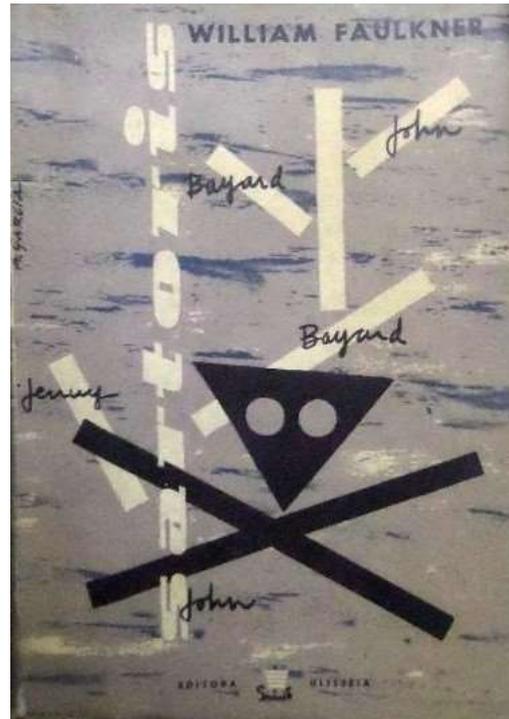
\*

Atento e sensível à natureza e suas exteriorizações, inúmeras vezes lhes dedicou expressões de admiração ou suaves descrições, a exemplo, tradução de Carlos Vieira, Lisboa, editora Ulisseia, 1958:

- “A lua erguia-se por detrás da escura muralha das colinas e mantinha-se sem ênfase sobre o vale” (1ª Parte, capítulo 2, p. 73).

- *“Da sua redoma de prata encastoada a lua olhava para baixo, por sobre o vale, dissolvendo-se em opalina tranquilidade na serena e misteriosa infinidade das colinas”* (idem, p. 81/82).

- *“Daí a pouco, acima das árvores, uma nuvem de pó subiu na tarde azulada e ficou suspensa ao sol num lânguido tom rosado”* (2ª Parte, cap. 2, p. 117).



ED. PORTUGUESA 1958

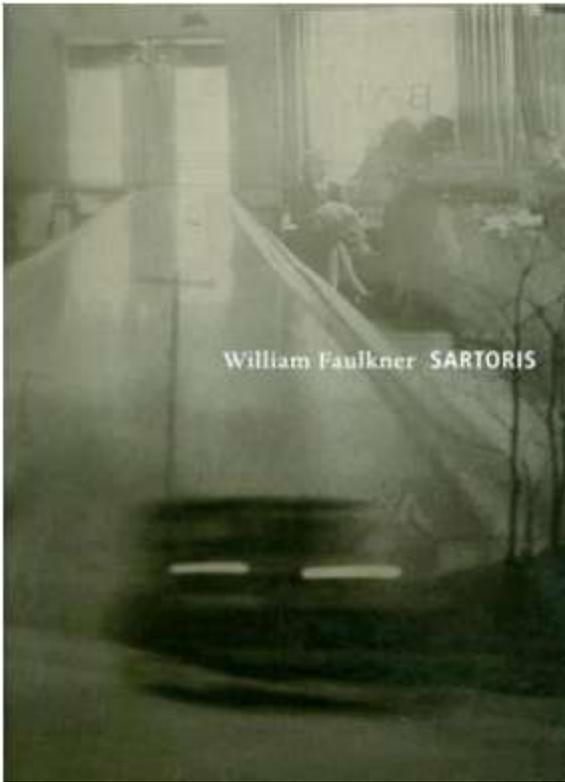
- *“A estrada começava agora a subir em longas curvas entre os pinheiros escuros na tarde oblíqua e enrolava-se por paisagens rápidas, ensolaradas, sobre o vale, de colinas opostas a cada volta, com os sempre eternos pinheiros e os seus odores ligeiros e vivificantes”* (3ª Parte, cap. 8, p. 302).

- *“Quando chegaram à cidade estavam a tocar os sinos preguiçosos, que partiam em sons de espirais altas, por entre as árvores, contra as nuvens macias do céu de verão”* (5ª Parte, cap. 3, p. 414).

Ou, então, essa poética do humano:

- *“A filha veio através do relvado num vestido cor de açafreão. Os seus olhos eram como estrelas, mais macios e meigos do que os de uma corça”* (3ª Parte, cap. 2, p. 230).

\*



ED. BRASILEIRA

Por sua vez, são abundantes as comparações, sempre apropriadas, a exemplo:

- *“O carro escorregou para a frente com um murmúrio certo como as asas agitadas de um grande pássaro que acorda”* (2ª Parte, cap. 6, p. 187/188).

- *“A cabeça de Bayard estava clara e fresca como um sino sem badalo que não*

*tocasse”* (2ª Parte, cap. 6, p. 189).

- *“Estavam tão afastadas da rua e da sua poeira que emanavam uma paz benigna e graciosa como uma tarde sem vento num mundo sem movimento nem som”* (3ª Parte, cap. 1, p. 210).

- *“Na noite não se via uma só estrela e o céu era como um corpo decomposto. Jazia sobre a terra como um balão vazio dentro do qual se erguia a silhueta escura e sem profundidade da cozinha e árvores por detrás delas e vultos despreziosos como fantasmas tristes à luz gélida de uma velada”* (4ª Parte, cap. 4, p. 362).

## **Faulkner no Brasil**

(artigos arquivados de jornais e periódicos  
indicados em ordem cronológica)

FREITAS, Carlos – Reportagem sobre a entrevista coletiva de Faulkner em São Paulo/SP em 1954 (*Folha da Manhã*, 12 agosto 1954, apud “*Leia a Entrevista do Escritor em SP em 1954*”, in *Folha de São Paulo*, São Paulo/SP, 14 setembro 1997).

FERNANDES, Cléber Ribeiro – “*Réquiem Por Uma Freira – O Original e a Adaptação*” (*Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 23 maio 1959, sobre *Réquiem Por Uma Freira*).

CAMPBELL, Harry M. e FOSTER, Ruel E. – “William Faulkner” (*Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 4 julho 1959, tradução de Assis Brasil).

CAMPBELL, H. M. e FOSTER, R. E. – “O Primitivismo de Faulkner” (*Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 21 novembro 1959, tradução de Assis Brasil).

CAMPBELL, H. M. e FOSTER, R. E. – “O Pessimismo Cósmico de Faulkner” (*Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 18 junho 1960, tradução de Assis Brasil).

BRASIL, Assis – “A Posição de Faulkner” (*Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 6 agosto 1960).

BRASIL, Assis – “Anatomia de Um Romance” (*Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 8 outubro 1960, sobre *O Som e a Fúria*).

G., E. – “*Luz de Agosto*, de Faulkner” (*Lavoura e Comércio*, Uberaba, 13 novembro 1960, sobre *Luz de Agosto*).

BRASIL, Assis – “A Inversão Moral Como Tema” (*Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 18 março 1961, sobre *Sanctuary*).

RIBEIRO, Léo Gilson – “William Faulkner e a Exegese do Sul” (*Suplemento Literário do Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 29 abril 1962).

REDAÇÃO – “Faulkner Morreu Ontem em Oxford, Mississippi” (*O Estado de São Paulo*, São Paulo/SP, 7 julho 1962).

LEWIN, Willy – “Lembrança de Faulkner” (*O Estado de São Paulo*, São Paulo/SP, 25 agosto 1962).

PIMENTEL, Osmar – “Faulkner em São Paulo” (*Suplemento Literário de O Estado de São Paulo*, São Paulo/SP, 11 junho 1966).

PIMENTEL, Osmar – “A Cruz e o Martelo” (*Suplemento Literário de O Estado de São Paulo* nº 592, São Paulo/SP, 7 setembro 1968, “situação da saga faulkneriana em que se evidencia a compreensão profunda que o romancista teve do racismo sexual em seu país”).

OLIVEIRA, Franklin de – “A Recusa da Vingança” (*O Estado de São Paulo*, São Paulo/SP, 24 janeiro 1982, sobre *Os Invencidos*).

CARVALHO, Bernardo – “Edição de Novelas de W. Faulkner Mutila Original” (*Folha de São Paulo*, São Paulo/SP, 27 fevereiro 1994, sobre *Três Novelas*).

FRÓIS, Leonardo – “Faulkner Ataca Vulgaridade Sobre Rodas” (*O Globo*, Rio de Janeiro, 24 fevereiro 1996, sobre *O Intruso*).

VIZIOLI, Paulo – “*O Povoado é Um Faulkner de Leitura Fácil*” (*O Estado de São Paulo*, São Paulo/SP, 29 março 1997, sobre *O Povoado*).

BLOOM, Harold – “Sob a Sombra de James Joyce” (*Folha de São Paulo*, São Paulo/SP, 14 setembro 1997).

SOLLERS, Phillipe – “O Abalo Global do Tempo” (*Folha de São Paulo*, São Paulo/SP, 14 setembro 1997).

KENNEDY, William – “Habitantes de Uma Cidade Eterna” (*Folha de São Paulo*, São Paulo/SP, 14 setembro 1997).

SALTER, James – “A Honra Como Iceberg” (*Folha de São Paulo*, São Paulo/SP, 14 setembro 1997).

RESENDE, Marcelo “A Saga Paulista de Faulkner” (*Folha de São Paulo*, São Paulo/SP, 14 setembro 1997).

FUENTES, Carlos – “Em Faulkner, Sul Reconhece-se Multirracial” (*O Estado de São Paulo*, São Paulo/SP, 4 outubro 1997).

ORICCHIO, Luís Zanin – “Escritor Criou Obra Densa e Inovou na Forma” (*O Estado de São Paulo*, São Paulo/SP, 4 outubro 1997).

NEPOMUCENO, Eric – “O Centenário de Faulkner, Um Mestre Esquecido” (*O Estado de São Paulo*, São Paulo/SP, 31 dezembro 1997).

CARVALHO, Bernardo – “Mal Se Autodestrói em *A Mansão*, de Faulkner” (*Folha de São Paulo*, São Paulo/SP, 13 maio 1999, sobre *A Mansão*).

SANTIAGO, Silviano – “Alumbramento Brutal” (*Folha de São Paulo*, São Paulo/SP, 4 novembro 2001, sobre *Enquanto Agonizo*).

AMÂNCIO, Moacir – “*Enquanto Agonizo*, de Faulkner, é Relançado Com Nova Tradução” (*O Estado de São Paulo*, São Paulo/SP, 19 janeiro 2002, entrevista com o tradutor Vladir Dupont).

AUGUSTO, Sérgio – “O Bem e o Mal Que o Cinema Fez a Faulkner” (*O Estado de São Paulo*, São Paulo/SP, 6 julho 2002).

BRASIL, Ubiratã – “O Retrato de William Faulkner Quando Jovem” (*O Estado de São Paulo*, São Paulo/SP, 18 agosto 2002, sobre *Esquetes de Nova Orleans*).

SERESA, Haroldo Ceravolo – “Sai no Brasil *Os Invictos*, Último Romance de Faulkner” (*O Estado de São Paulo*, São Paulo/SP, 25 janeiro 2003, sobre *Os Invictos*).

ORICCHIO, Luís Zanin – “Foi Roteirista, Mas Escapou a Tempo” (*O Estado de São Paulo*, São Paulo/SP, 25 janeiro 2003).

TAVARES, Carlos – “Faulkner, o Artífice das Almas Torturadas” (*O Estado de São Paulo*, São Paulo/SP, 18 maio 2003, sobre *Palmeiras Selvagens*).

AUGUSTO, Sérgio – “O Fim de Um Mundo Sustentado Pela Escravidão” (*O Estado de São Paulo*, São Paulo/SP, 1 maio 2004, sobre *O Som e a Fúria*).

PÓLVORA, Hélio – “*Som e Fúria* de Faulkner” (*Rascunho* n° 50, Curitiba/PR, junho 2004).

COETZEE, J. M. – “Um Indivíduo em Negativo” (*Folha de São Paulo*, São Paulo/SP, 10 julho 2005).

CARDOSO, Fábio Silvestre – “A América Profunda de Faulkner” (*Rascunho* nº109, Curitiba/PR, maio 2009, sobre *Enquanto Agonizo*).

(Inédito)

# Cinema

## SÃO PAULO S/A O Fel da Vida

Segundo Erza Pound - e com razão - “o artista é a antena da raça”. Essa assertiva tanto pode ser entendida (e aplicada) em sentido prospectivo e presentificado quanto no perspectivo. Contudo, o artista não é adivinho ou profeta, na acepção que se quer emprestar, enganadamente, aos escritores bíblicos que vatacinariam acontecimentos.



LUÍS SÉRGIO PERSON

Na realidade, o artista é apenas – o que não é pouco - indivíduo sensível, curioso, inteligente, interessado, informado e atento à aventura humana e ao espetáculo do mundo, seja em relação ao passado, ao presente e ao futuro, separada ou concomitantemente.

Daquele, como do presente, procura, como sismógrafo, conhecer, captar e extrair a substância e o significado que jazem sob e por trás das aparências, ora enganosas, ora espelhantes ou reflexas.

Com esse conhecimento avança as possibilidades do desenvolvimento natural da marcha do mundo e das manifestações humanas.

Nada, pois, de mágico, de revelação ou de outras causas semelhantes e/ou correlatas, sendo inaceitáveis, portanto, as teorias e entendimentos, por incomprovados e improváveis, como o perfilhado, por exemplo, por Henrique Abílio em *Crítica Pura* (São Paulo, S.E. Panorama Ltda., s. d.) de que “*arte é revelação*” (p.54 e 55).

O artista, pois, é aquele que, antes de tudo, interessa-se, observa, acompanha e medita sobre a realidade, transformando as resultantes desses procedimentos em arte.

É o que faz, natural e eficazmente, em *São Paulo S/A* (1964), Luís Sérgio Person (São Paulo/SP, 1936-1976).

Nesse filme, uma das obras-primas do cinema brasileiro, Person articula a matéria ficcional a partir do conhecimento interno de sua estrutura e contextualização, captando, expondo e criando a realidade artística equivalente à realidade haurida, expressando-a imagetivamente, com o que a documenta e eterniza artisticamente.

O protagonista, em suas manifestações, comportamento e relacionamentos amorosos e profissionais compõe individualização humana que apreende, reflete e sintetiza a condição humana situada em determinada ambientação espaço-temporal, o que, aliás, é apanágio de toda grande obra de arte ficcional.

Nesse processo de criar realidade artística a partir da realidade concreta o cineasta transpõe desta para aquela sua essência, sentido e significado. O protagonista é, assim, o protótipo da categoria de indivíduos que existia ao tempo da realização fílmica, refletindo seu ambiente e tendência.

Se a maioria de seus pares subordina-se às imposições conjunturais, aceitando-as ou tolerando-as, já que difícil, senão inexecutável ou pelo menos atritante e prejudicial, repudiá-las e renegá-las, o protagonista insurge-se, rompendo os condicionamentos que o mantêm atrelado a modo, rotina e objetivo de vida tornados sufocantes e insuportáveis.

A insatisfação e inaceitação pela personagem da engrenagem social tal qual estruturada e em funcionamento, com sua intrínseca vileza, é, pois, paradigmática do estado de espírito disseminado à época entre parcela da juventude, que rejeita a herança do modo de estruturação da sociedade que lhe foi legada pelas gerações anteriores. Se ela se rebela, esse ato não reflete apenas atividade pessoal isolada, constituindo, ao contrário, manifestação emblemática da parcela viva de sua geração, que mesmo não levando seu inconformismo ao extremo ou justamente por não fazê-lo, o carrega e com ele convive amargurada e sofredamente.

Se de modo geral é esse o filme, nas dobras de seu desenvolvimento factual destila-se o fel social e relacional ao contato com a realidade comercial da sociedade e os descompassos e agruras amorosas.

A impossibilidade de alterar a ordem das coisas, cuja força promana, entre outras razões, de sua organização milenar, leva a impasses que só se resolvem pelo rompimento manifestado de diversas e variadas maneiras. Uma delas, a do protagonista, de recomeçar em outras condições.

*São Paulo S/A* constitui, pois, a trajetória, a síntese e a expressão do inconformismo e do repúdio de parte de uma geração às condicionantes e imposições econômico-sociais. Se o filme se acha atado a determinada circunstância, atinge também o passado e o futuro, nos quais idênticos ou semelhantes impasses e rupturas deram-se e sempre irão ocorrer até que a organização social se subordine às necessidades e aspirações humanas, o que ainda não acontece.



Person, mercê de sensibilidade e percepção da realidade, compôs o testamento vivencial de sua geração e não simplesmente o intelectual. Ao fazê-lo, submeteu-o a pertinente e atilado tratamento cinematográfico num filme tão vigoroso em sua estruturação quanto belo imagetivamente, no qual

enquadramentos e angulações obedecem a consciente direcionamento.

Muito (ou tudo) que veio depois no país em matéria de cinematografia nele possui precedente, inspiração e diretriz. Se se admira, por exemplo, o ritmo e a imagética de *Terra Estrangeira* (1995), de Válter Sales Júnior e Daniela Thomas, encontram-se já (e também) no filme de Person equivalentes predicados de beleza, modernidade e desenvoltura.

*São Paulo S/A* tem, duas décadas depois, seu correspondente em *Filme Demência* (1985), de Carlos Reinchenbach Filho, muito significativamente dedicado a Person. Como aquele, este constitui a tradução cinematográfica do estupor e da perplexidade da mesma espécie de indivíduo.

Só que nesse interregno o país mudou e a insatisfação, a inapetência e desorientação do protagonista do primeiro transformou-se numa amargura angustiada.

Assim, têm-se nesses dois filmes o retrato do inconformismo geracional latente e recorrente na exata tradução de suas conotações essenciais, mesmo que, no primeiro caso, esteja-se no processo de industrialização, quando, no segundo, reflita-se já certa desindustrialização.

Como em toda grande obra de arte ficcional, nesse filme também se criam realidades artísticas tão palpáveis e consistentes como a realidade concreta ou até mais, dada sua possibilidade referencial. Esta, submetida ininterruptamente ao movimento da matéria, esvai-se ou altera-se, aquelas, no entanto, quando significativas e autênticas como em *São Paulo*

S/A, incorporam-se permanentemente ao patrimônio artístico da humanidade.

(do livro físico *O Cinema Brasileiro nos Anos 50 e 60*, 2009; e do livro eletrônico *Obras Primas do Cinema Brasileiro*, dezembro 2017)

## NO TEMPO DAS DILIGÊNCIAS

### Símbolo do Oeste



JOHN FORD

John Ford (1895-1973), realiza diversos grandes faroestes nas décadas de 1940, 1950 e 1960. Contudo, por mais que se admire e se ressalte (sempre com razão), filmes como *Paixão de Fortes* (*My Darling Clementine*, 1946), *Sangue de Herói* (*Fort Apache*, 1948), *Rastros de ódio* (*The Searchers*, 1956) e *O Homem Que Matou o Facínora* (*The*

*Man Who Shot Liberty Valance*, 1962), seu grande *western*, como concentração de atos, ritmo e ação, é *No Tempo das Diligências* (*Stagecoach*, 1939), mesmo que seja difícil, como na realidade o é, estabelecer hierarquização entre eles, tal seu nível.

Mas, *Stagecoach* possui, além das qualidades existentes nos outros, algo mais, que o destaca e o compõe: o dinamismo, a tensão e a caracterização das personagens.

Tais atributos, reunidos, ocorrem também em inúmeros filmes de variados cineastas.

Contudo, o que os distingue nesse é sua dosagem certa e exata e seu perfeito equilíbrio, de modo a formar rara sùmula de predicados.

O curso narrativo é harmoniosamente musical, em que todas as notas, no caso, as imagens, obedecem à segura e firme batuta (direção). Não há, por isso, em nenhum momento, em nenhuma fração de segundo, qualquer tempo morto, qualquer pausa. É a ação elevada à sua máxima potência, uma das maiores características, aliás, do gênero.



A tensão inicia-se com a primeira imagem (o que é raro, senão raríssimo) e só termina com a penúltima, pois, a última contrasta com o contexto conflitivo e beligerante antecedente, perfazendo abertura otimista para o futuro, sem, contudo, quaisquer laivos de romantismo ou sentimentalismo, mesmo em se tratando, como é o caso, do sentimento amoroso.

A individualização das personagens é esplêndida, mesmo que nela se possa encontrar algum ou alguns estereótipos.

Realmente, todos os passageiros da mais famosa diligência do oeste são talhados com mão de mestre e mostrados em seu completo biótipo físico, psicológico e comportamental. Nada escapa à agudeza de um olho cinematográfico (do diretor e da câmera), atento, lesto e presto.

Desde a primeira aparição de cada uma das personagens já se tem delineado seu completo talhe humano, o que não é de simples fatura e nem facilmente encontrável em qualquer obra de arte.

À perspicácia, sensibilidade e competência fordianas nada é desconhecido ou alheio. Até o simples modo de se entrar numa sala (como o do cocheiro numa das paradas para muda dos cavalos), é revelador. Os olhares mostram e denunciam o caráter. As atitudes demonstram ora o preconceito e a arrogância, ora o humanismo, a tolerância e a compreensão, virtudes, nesse caso, apenas de quem já enfrentara o sofrimento e as adversidades.

Pode-se até falar que *Stagecoach* constitui síntese do oeste tal qual o cinema nô-lo revela. Essa qualidade, todavia, diferentemente das outras aqui apontadas, permeia boa parte dos melhores *westerns*. Mas, alguns dos mais importantes elementos que forjam a saga do oeste, configurando o que se convencionou denominar *opera horse*, aqui se plasmam, mesmo quando não chamados ao primeiro plano: o heroísmo, o destemor, o acerto de contas mais do que simples ato de vingança, a ameaça do índio rebelado, seu ataque, a corrida vertiginosa dos cavalos, o clássico perfil da diligência cercada pela fúria indígena em desabalada carreira pela planície, tão

correta, essa fúria, no atacado quanto cruel no varejo quando a revolta geral desce ao nível individual.

Mas, nesse filme, o índio é enigma e não é julgado nem numa nem noutra dessas perspectivas. É um dado (e, no caso, que dado!) da realidade com o qual mais do que lidar precisa-se de lutar, face à exacerbação e paroxismo que atinge.

*Stagecoach* é, pois, muito mais do que fugaz diligência rodeada de índios por todos os lados no panorâmico Monument Valley, a paisagem símbolo do oeste celebrizada justamente por Ford, como também são emblemáticos, a seu modo, o revólver, o *cowboy*, o cavalo, a diligência e, desde 1939, ainda esse filme. *Stagecoach*, pois, onde esses fatores encontram sua máxima eficácia, é todo um complexo ficcional cinematográfico magnificamente concebido e realizado. Um dos pontos altos da arte do século XX. Portanto, de sempre.

(do livro físico *O Filme de Faroeste*, 2001; e do livro eletrônico *O Cinema dos EE.UU.: Obras-Primas*, agosto 2020)

## BERLIM, SINFONIA DA METRÓPOLE

### O Ritmo do Século

Se o cinema nas duas primeiras décadas do século XX tateia à procura de uma linguagem própria com base na paulatina descoberta, utilização e domínio dos recursos da câmara, das possibilidades da imagem em movimento e dos primeiros (e fundamentais) passos para o conhecimento e conscientização dos efeitos da montagem, os anos 20 desse século assistem a eclosão de uns e outros.



WALTER RUTTMANN

Nessa década dão-se realizações artísticas experimentais e de vanguarda como nunca antes e nem depois o cinema teria iguais, em qualidade e intensidade, bastando lembrar, entre outras, as obras de Marcel L'Herbier, Fernand Léger, Walter Ruttmann, Marcel Duchamp, Germaine Dulac, René Clair, Man Ray, Dimitri Kursanoff, Alberto Cavalcanti, Buñuel, Viking Eggeling e Hans Richter.

Um desses filmes é *Berlim, Sinfonia da Metrópole* (Berlin, die Symphonie der Grosstadt, Alemanha, 1927), de Walter Ruttmann (1887-1941), que viera da realização da série abstrata *Opus* (1922/1925).

Antes, pois, do célebre filme *Um Homem Com Uma Câmera* (Cheloveks Kinoapparatom, U.R.S.S., 1929), de Dziga Vertov, mas já influenciado pelas ideias desse realizador soviético, Ruttmann dá à luz sua obra fundamental, que se torna também, automaticamente, um dos filmes capitais do cinema.

O que prenuncia o título materializa-se em imagem de grande esplendor, em construção de extrema perspicácia cerebral, alta acuidade visual e apropriada montagem de movimentos de tão vibrante constância e sucessividade que captam e fixam o ritmo do século, que só o cinema possibilita em toda sua concreticidade e grandeza.

O filme visualiza o pulsar da atividade humana na era 01 (zero um) da máquina, já que a era 0 (zero) deu-se no século XIX, numa demarcação que não tem nem terá fim, prefigurando ininterrupta continuidade, aperfeiçoamento e desenvolvimento, como o transicional século XX demonstrou. Dificilmente será encontrável obra que traduza e transfigure em arte o cerne de seu tempo em sequência poética de figurações instantâneas do *habitat* construído até então pelo ser humano e de sua ativa inserção nesse contexto.

A velocidade dessa sucessão em cortes rápidos e montagem célere aliada à articulada visão do artista resultam em primorosa

súmula desse universo humano numa das grandes metrópoles do planeta.

No filme ressaltam-se em iguais importância e intensidade a realidade material urbana e a ação e movimentação nela do ser humano, sem esquecer os instantâneos, com toda sua construção imagética, de alguns animais, inclusive em montagem contrastante com atos humanos.



No primeiro caso, avultam as imagens do outrora mais veloz meio de locomoção terrestre, o trem, em perspectivas impressionantes, resultantes de enquadramentos de grande eficácia estética. Daí em diante sucede-se a exposição da metrópole que desperta suas forças vivas, abrangendo sem-número de situações e aspectos urbanos mostrados em tomadas adequadamente anguladas, por força do inteligente e artístico olhar do cineasta, construtor de uma poética não só da imagem, tão forte como a da palavra, mas de verdadeira poética da matéria.

Só olhar desse quilate teria condições de empalmar, utilizar e direcionar os recursos da câmera e da montagem para configurar obra desse vigor e proporções, em que cada instantâneo e sua reunião e montagem atingem força estética proveniente de um poder e sofisticação raramente encontráveis.

Enfim, em questão de imagem e montagem não há nada que já não esteja nesse filme ou que nele não se embase e inspire, e que não é apenas efeito da vanguarda, mas, a própria vanguarda. O filme não constitui, obviamente, ficção. Nem documentário. É imagem em movimento. Cinema, enfim.

\*

Além e independentemente de seu valor artístico, revela uma cidade diferente do estereótipo utilizado para explicar e justificar o progresso do país sob a posterior administração nazista. Numa pujança como aquela não há nada extraordinário nesse êxito, visto que representou o desenvolvimento natural que empolgação do poder e inteligente manipulação cristalizaram. Milagre mesmo seria esse grupo ter os resultados alcançados em países subdesenvolvidos. Na Alemanha que o filme mostra não é vantagem. Malgrado a derrota na Primeira Grande Guerra e o processo inflacionário dos anos de 1920, o país era, ao findar a década, o mais desenvolvido do mundo.

(do livro físico *Clássicos do Cinema Mudo*, 2003; e do livro eletrônico *Obras-Primas do Cinema Europeu*, dezembro 2018)

# História do Brasil

## Controvérsias

### CONJURAÇÃO MINEIRA - TIRADENTES

#### Introdução



TIRADENTES

Além da possível viagem de Tiradentes à Europa, seu papel, desempenho e importância no movimento insurrecional mineiro (imprópria e tenazmente denominado “inconfidência”, isto é, traição, deslealdade) também é motivo de acesa controvérsia, bem como, ainda, são postos em causa o significado, o mérito e a relevância do próprio movimento.

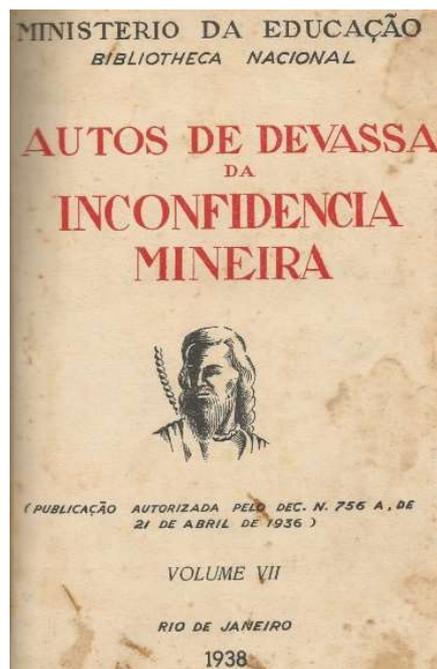
Já se Tiradentes foi ou não enforcado, é questão marginal por vezes tratada até irresponsavelmente com indicações falsas e inexistentes, não merecendo, pois, consideração.

Por sua vez, as divergências e contraposições sobre a Conjuração e Tiradentes assumem proporções relevantes, distendidas e debatidas com argumentos de ambos os lados.

De um, dos historiadores e publicistas paulistas, considerando que tanto a Conjuração quanto Tiradentes não

tiveram a importância e o desempenho que se lhes atribuem, sendo aquela simples e isolado movimento de elites visando apenas o perdão de dívidas com o Erário, e sendo, este, irresponsável e até doidivas.

De outro, historiadores e publicistas mineiros na maior parte das vezes, ressaltando o conteúdo libertário, progressista e avançado da Conjuração e apontando a liderança de Tiradentes e seus propósitos republicanos e de independência em relação à Metrópole Portuguesa.



## Depreciação

Os detratores do movimento e de Tiradentes baseiam-se e se circunscrevem unicamente ao texto dos *Autos da Devassa*, isto é, ao processo aberto contra os conspiradores e totalmente dirigido, direcionado e manipulado pelos prepostos da Coroa Portuguesa, aceitando como verdades irretorquíveis o que neles se contém.

Conquanto isso, essa providência repressora da Coroa prova tanto a importância que se atribuiu à Conjuração quanto o papel relevante nela exercido por Tiradentes, o único condenado à morte, mesmo levando-se em conta que também foi o único

acusado a assumir sua responsabilidade e procurar isentar os demais.

Sem atentar para isso, a historiadora paulista Laura de Melo e Sousa afirmou que “o Tiradentes que aparece nos Autos da Devassa é um sujeito maluco. Acho muito interessante que o Brasil tenha um herói desvairado [...] De todos os componentes da pretensa (sic) sedição ele é o mais ligado às camadas populares” (apud Ricardo Musse, “Tiradentes, Um Herói Desvairado”, *O Estado de São Paulo*, São Paulo/SP, 18 abril 1992).



Radicalmente contrário a Tiradentes é também o advogado, professor e historiador Oto de Alencar de Sá Pereira ao aduzir que “Tiradentes é um dos mais graves enganos da História contada a partir da República” (“Tiradentes, Um Dos Mais Graves Enganos da História”, Portal Conservador, baixado em 08 setembro 2023).



### Tiradentes, um dos mais graves enganados da História

Share Tweet Share Share Mail

**ÚLTIMOS ARTIGOS**

**Portal Conservador**  
 Correio que foi assassinado durante tentativa de estorpar a 1ª República  
 Assim vai ao STF contra resolução que amplia poderes do TSE para combater fake news  
 Jato de Transformation se converteu ao catolicismo depois de entrar no poder  
 Rainha Elizabeth II morreu aos 95 anos  
 Que já é insano para 11,9% terem 70% dos preços de produtos superinflados  
 Polícia invade casa religiosa e leva corpo na Niterói

Tiradentes é um dos mais graves enganados da História, contido e quarto de realidade. Há algumas décadas passados celebra-se o 22 de abril. Nasta mesa-junta: descobrimento do Brasil. Agora não. O 22 de abril passou há um dia qualquer desaparecimento de comemoração, fazendo o povo esquecer-se de fatos. É a possibilidade e celebrar o 22 de abril de abril. Tiradentes! Mas, por que Tiradentes? O Império novo, em sua história, muitos nomes a comemorar: Além de O. Pedro I, de D. Pedro II, de D. Leopoldina, de D. Amélia, de D. Theresa Christina e da Princesa Isabel, e Império teve Caxias, Osório, Tanombaré, Bormio, Porto Alegre, Zocaris de São e Visconde de Torres, Paulo Borella, Ouro Preto, Alencar, Castro Alves, Almeida, Gonçalves Dias, Silveira Martins, Ferreira Viana, Carlos Gomes, Maria Barreto, Pirajá, etc. etc.

A República precisava também de um ícone. Deviam: não pensou Arraigadas-se de ter proclamado a República e era amigo do Imperador: Riciano Neves? Credo em Cruz Mandou passar a flo de espadas. 400 guardas-marinha da Esquadra Imperial, na Revolta da Armada. "Fuzileiros do Rio?" Não. Espadachim Antônio Conselheiro e todos de Canudos. Campesão Sabão? Rodrigues Alves? Afonso Pena? Não poderiam servir. Antes da República, eram Conselheiros do Império. Barão do Rio Branco? Como um ícone da República pode ser um Barão? Jamais. Santos Dumont? Era amigo íntimo da Família Imperial no exílio de Paris. Damião Cruz? Foi um grande médico, santíssimo, do período republicano, mas discipulo de outro médico, o Barão de Horta e Silva, que acompanhou a Família Imperial, no exílio.

Oto acrescentou ainda que Tiradentes “é insignificante e acabou louco antes de ser enforcado [...] É um simples alferes, tirador de dentes. Não faz mal. Nós o inventamos. Com quem ele precisa parecer-se? Claro! Com Jesus! O mártir da pátria! Vamos pôr-lhe barbas (os enforcados tinham cabelo e barba raspados antes da execução). E criar sua história. Será o Ícone da República, já que não há nenhum outro [...] Foi mandado quase como um moleque de recados. Como não tivesse muita instrução nem tino político ou lábia publicitária, fracassou. Todas as portas que visitou no Rio de Janeiro lhe foram fechadas, ou melhor ainda, lhe eram batidas na cara [...] E foram tantos os foras, que o já fraco equilíbrio psíquico de Tiradentes tornou-se em loucura [...] Em cada parada, até Ouro Preto, aumentavam seus delírios” (idem, idem).

Ao final de sua diatribe, Oto de Alencar desandou, estendendo sua ojeriza (tão evidente quanto os termos que utilizou) para toda a Conjuração, ao dizer: “O Ícone da República, o alferes Tiradentes, é uma figura tão paradoxal quanto a própria Conjuração que se pavoneou (sic) do título de Inconfidência”.

Sabe-se, no entanto, que inconfidência (deslealdade, traição) foi denominação e acusação que a Coroa Portuguesa, que se julgava traída, pespegou aos conjurados mineiros.

Nesse caminhar, a própria Conjuração foi também criticada e taxada (com evidenciado viés ideológico pejorativo) de “*movimento das elites [...] Foi um movimento de proprietários para proprietários, de homens abastados que queriam romper com a metrópole para defender seus próprios interesses e o aumento de suas margens de lucros. Basta lembrar que a maioria dos inconfidentes (sic) era contrária à libertação dos escravos*” (Clarence José de Matos e César A. Nunes. *História do Brasil*. São Paulo/SP, Nova Cultural, apud *Ciro Siqueira, “Quando a História Pátria é Vítima da Falsa Cultura”, Estado de Minas, Belo Horizonte, 15 fevereiro 1997*).

ESTADO DE MINAS  
Página 6

ESPETÁCULO

15 de fevereiro de 1997  
Sábado

C Y R O S I Q U E I R A

## Quando a História pátria é vítima da falsa cultura

**1** Ao encerrar, semana passada, o ciclo do Manifesto dos Mineiros neste pedaço sabatino, e enquanto o repórter dos tamborins ainda não morreu dentro do ouvido nacional, verifico mais uma vez que o jornal, por maiores que sejam as ameaças que o cercam, televisão, internet, et al, está condenado a ser eterno. Pela simples e até mesmo aciana razão de ser ele o representante, na rotina de cada dia, da palavra escrita, esta também fadada a não morrer. Por isso mesmo consigo entender, continuando a colocar minha correspondência em dia, como um dos leitores, ao encerrar sua também longa carta, já agora sobre a inconfidência mineira, chega a afirmar, e aí vou ser obrigado a transcrever sua

afirmação entre aspas, por motivos óbvios:

“Em resumo, a sua página está prestando um belo serviço a Minas e ao Brasil”

Sabendo, conforme diria aquele meu amigo aqui sempre citado, que as coisas não são bem assim, vou limitar-me a lembrar como tudo começou em torno de uma, digamos, santa indignação provocada pela leitura de um livro-apostila destinado a orientar o estudo da meninada do 1.º grau, 5.ª série, 3.º bimestre, conforme está declarado em seu título. Santa indignação, diante das bobagens contidas no capítulo dedicado à História deste País, nomeadamente a inconfidência mineira. Que é reduzida à simples condição de um movimento liderado por senegadores de impostos, pessoas riquíssimas, contrabandistas. Vou ter que repetir um pequeno trecho

da tal apostila, trecho que sintetiza seu “ensinamento” à meninada:

“O projeto de liberdade existente na mente da elite colonial limitava-se apenas a uma liberdade administrativa, ou seja, acabar com a obediência e a submissão às instituições portuguesas.

Entretanto, a elite colonial tinha consciência de que as idéias de liberdade só passariam a ter força, se encontrassem um ambiente de insatisfação. Para que isso ocorresse, era preciso a elaboração de um projeto político que chamasse a atenção da população, mas que também atendesse às necessidades de um grupo, no caso, da própria elite.

Desta forma, explica-se a idéia de República veiculada pelos inconfidentes. Ela representava a libertação das dívidas e dos impostos e a permanência da posição social adquirida. Se fosse para continuar rico, que se fizesse a República.

Nota-se que não existia a idéia de mudança na estrutura socioeconômica da Colônia. Qualquer que fosse o projeto político que fornecesse as mesmas condições que a República oferecia, provavelmente seria escolhido.

A escravidão, a produção voltada para o comércio exterior e a monocultura continuariam a existir com o projeto de República, feito pelos inconfidentes”.

É claro que, por trás desse amontoado de bobagens anti-históricas, há um fundamento pseudo-ideológico, pseudo-marxista. É uma falta de cultura generalizada. Vou dar apenas um exemplo tirado da citação que é feita de um dos prováveis ideólogos dos autores do livresco, dos

tais “cientistas políticos”, Júlio José Chiavenatto, o mesmo que teve a coragem de afirmar que a delação de Joaquim Silvério dos Reis não representou nada – porque o Visconde de Barbacena, isto é, a autoridade máxima do poder português, já sabia da existência da conspiração. Só que a delação de Silvério dos Reis foi o ponto central para a condenação dos inconfidentes, que ele, perfeito dedo duro, apontou, um a um.

No exemplo que prometi citar, em outro trecho do seu “trabalho” Chiavenatto resolve descrever a situação na região aurífera. Assim:

“Os mineradores não pagam os impostos e vão acumulando dívidas. Vivem praticamente do contrabando de ouro e diamantes. Devem tanto que não há meios de pagar os impostos atrasados. Se o rei apelar à Derrama

será a falência generalizada”.

É nisso que dá a chamada falsa cultura. Isso porque, basta que se estude o assunto não pela fama, para o brilhareco fácil, mas como ele deve ser estudado, em profundidade, e logo se verá que o tal “contrabando” de que os mineradores eram acusados não se realizava de dentro para fora – mas de fora para dentro. Eles estavam sendo acusados de trazer, de fora, mão de obra negra para trabalhar na extração de ouro, o que contrariava as ordens que vinham de Portugal.

Mas é nesse nível que a apostila em questão chega à gracinha de oferecer um jogo de palavras cruzadas para seus alunos resolverem. De uma das palavras, ela fornece a pista:

“Ato ilegal de transação comercial”. Solução, em onze letras: “Contrabando”.

Diante dessa assertiva, *Ciro Siqueira* não se conteve, asseverando: “*Mas a ignorância não tem limites – nem a má-fé. Bastaria aos autores do livro acima citado a simples consulta a uma outra História do Brasil. De origem duplamente*

*insuspeita: editada pela Universidade de São Paulo e escrita por um historiador da moda, Bóris Fausto. Lá está, no capítulo dedicado à Inconfidência (sic), página 117, o trecho seguinte que põe a nu a meia verdade do livro em questão [...]: ‘Alvarenga Peixoto, um dos maiores senhores de escravos entre os conjurados, defendeu a liberdade dos cativos na esperança de que eles assim se tornassem os maiores defensores da República. Outros, como Álvares Maciel, achavam, pelo contrário, que sem escravos não haveria quem trabalhasse nas terras e nas minas. Segundo parece, chegou-se a uma solução de compromisso, pela qual seriam libertados somente os escravos nascidos no Brasil’* (idem, idem).



Aliás, a posição de Álvares Maciel foi reprisada pelo romancista José de Alencar, decorridas décadas depois, que escreveu artigos anti-abolicionistas, argumentando, entre outros motivos, que a escravidão era necessária para manter a produtividade.

Ainda oriunda do Estado de São Paulo, a coleção “Sociedade e História do Brasil”, editada pelo Instituto Teotônio Vilela, do PSDB, num de seus volumes descreveu a Conjuração Mineira “como movimento da elite provincial descontente com Portugal [...] Logo no primeiro volume, Tiradentes perde o posto de líder da Inconfidência (sic) Mineira (1789), que, por

*sua vez, é relatada como um movimento de elite que visava o perdão dos devedores da Fazenda Real. O alferes Joaquim José da Silva Xavier nunca teria feito parte da liderança da Inconfidência (sic) Mineira e teria sido morto e esquartejado só para servir de exemplo e ridicularizar o movimento, arquitetado de fato pela elite de Minas Gerais, que enfrentava dificuldades em pagar impostos atrasados à Coroa” (apud Raquel Ulhoa, “PSDB Lança Série Polêmica Sobre a História do Brasil”, *Folha de São Paulo*, São Paulo/SP, 08 janeiro 2001).*

Mas, de Minas Gerais também surgiram contestações à liderança de Tiradentes em tese defendida pelo professor mineiro João Pinto Furtado (veja bem) na Universidade de São Paulo – USP: *“Um novo olhar sobre a Inconfidência (sic) Mineira foi lançado e este não identifica Tiradentes como a figura central e mais importante do movimento [...] Tiradentes não ocupou também o posto de liderança popular que a história contada nestes dois últimos séculos acabou lhe conferindo”* (Roselena Nicolau, “Tese Mineira Revê Mito de Tiradentes”, *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, apud *Ciro Siqueira*, “Uma Tese Reducionista a Respeito de Tiradentes”, *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 03 junho 2000).

Posteriormente, *Ciro Siqueira* voltou ao assunto, afirmando que *“Tiradentes, para o douto professor [João Pinto Furtado], é um mito, uma referência ideológica. A insurreição, um fracasso, ‘mesmo assim tem sido usada como exemplo de um ideal de independência da nação’, o que, para ele, ‘não encontra parâmetros concretos nos documentos da época”* (“De Novo a

Inconfidência (sic)”, *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 01 julho 2000).

O mesmo João Pinto Furtado, em entrevista à revista *Palavra*, de Belo Horizonte, afirmou ainda que Tiradentes foi “rapaz admirável sob certos aspectos e execrável sob outros” e “estava envolvido numa série de projetos privatizantes (sic) [...] que ele queria explorar [...] e poder presentear de mimos as suas meninas” (apud *Ciro Ciqueira*, idem, idem).

Já a historiadora de arte paulista Maria Alice Milliet, na tese *Tiradentes: O Corpo do Herói*, “reduz Tiradentes a mero produto da pregação republicana”, dizendo, entre outras coisas, que “os Estados criam deliberadamente



mitos, símbolos e práticas sociais com o objetivo de mobilizar a sociedade em torno da ideia de nação” (Mauro Werkema, “Desconstrução do Mito”, *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 12 outubro 2002).

## Valorização

Por sua vez, do outro lado, tanto a Conjuração Mineira quanto Tiradentes encontram pesquisadores e analistas que realçam sua importância e significado.

De início, ressaltando a falta de lisura, de isenção e de objetividade do processo e dos *Autos da Devassa*, nos quais muitos publicistas se baseiam como verdade histórica.

Assim, *“tudo que está escrito nos Autos faz parte de uma orientação astuta do governo português destinada a diminuir as qualidades humanas e morais dos revoltosos. O processo todo é político. E, acima de tudo, ideológico [...] A manipulação do processo contra os conjurados produziu uma peça tão duvidosa, tão cheia de vícios, tão vil, que as próprias autoridades portuguesas trataram de escondê-la, trancando-a a sete chaves por dezenas de anos [...] Todos os detratores de Tiradentes se baseiam tão somente nessa peça mal feita e de flagrante má-fé [...] Seriam eles, os inquisidores que escreveram os Autos, suspeitos de emitir juízo por estarem comprometidos com o poder, pertencerem eles mesmos à parte interessada [constituindo o próprio poder]. Imoral, portanto, tal avaliação”* (Joaquim Borges, “Tiradentes, a Pena de Morte Só Atinge os Heróis”, *Correio do Triângulo*, Uberlândia, 24 abril 1994).

Ademais, *“sendo pesquisador da Inconfidência (sic) Mineira há quase dez anos, estou convencido de que o sonho de Liberdade dos inconfidentes (sic) de 1789 foi o momento mais alto de nossa História por representar a afirmação visceral de ideais que, alguns ainda hoje irrealizados, continuam a nos desafiar”* (Sérgio Amaral da Silva, *apud* Ciro Siqueira, “De Volta à Inconfidência (sic) e à Morte de Um Poeta”, *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 09 agosto 1997).

Não podendo, no entanto, esconder ou distorcer toda a verdade, “os Autos da Devassa revelam, em primeiro lugar, a coerência e a lucidez de Tiradentes. Como havia sido combinado, negou a Conspiração e só a admitiu depois da confissão dos demais, assumindo a responsabilidade da chefia do movimento naturalmente, sem jactância, sem vaidade alguma [...] O Alferes manteve-se sereno, porque, ao contrário

## Um homem sensato

Mauro Santayana

O conhecimento dos “Autos da Devassa” que a Alcaldia de Sua Majestade, D. Maria de Portugal, promoveu em Vila Rica e no Rio de Janeiro, para a identificação dos inconfidentes, devia ser obrigatório. Seria mesmo desejável que os indicados para o Banco Central se submetessem a uma sabbatina suplementar no Congresso, não só com relação ao movimento dos mineiros de 1789, mas sobre a história da resistência continuada de nosso povo.

A primeira lição da conspiração é a covardia dos intelectuais, identificada tantas vezes por outros e, de maneira magistral, por Erasmo de Rotterdam. Ressalvem-se as exceções extraordinárias de bravura de grandes pensadores e literatos, como foram, entre tantos, Thomas More e Giordano Bruno, alguns líderes da Revolução Francesa e muitos mais recentes, bem conhecidos.

Outra lição é a de que é impossível impedir a infiltração de detraíres em qualquer movimento, da mesma forma que é impossível impedir a existência de traidores de seu país em qualquer processo histórico e em qualquer atividade, profissional ou política.

O presidente da República falou em “silvérios” e se enro-

lou na corda da retórica, ao apelar para a história da Conjuração de 1789. O coronel Joaquim Silvério dos Reis era português de nascimento e podia alegar, como alegou, que, embora descontente com o governo, era “lial Vagalo a noça Augusta So Brana”, conforme sua denúncia, em péssimo português, redigida na presença do Visconde de Barbacena em 19 de abril de 1789. Tinha, real ou não, um pretexto para a traição, ainda que, na verdade, procurasse os seus 30 dinheiros. Mais tarde, premiado com 400 mil réis de pensão anual, o coronel foi viver escondido no Maranhão. Como a infâmia não é necessariamente hereditária, um de seus descendentes se destacou na Revolução de 1842, combatendo o poder central ao lado dos mineiros.

Os Autos da Devassa revelam, em primeiro lugar, a coerência e a lucidez de Tiradentes. Como havia sido combinado, negou a conspiração e só a admitiu depois da confissão dos demais, assumindo a responsabilidade da chefia do movimento naturalmente, sem jactância, sem vaidade alguma.

Quando os inimigos de Gonzaga procuram identificar o poeta como o cabeça do movimento, o Alferes, que dele não gostava, fez questão de preservar, dizendo saber “que o

dito desembargador era seu inimigo”, mas confessando “que todos o aclamavam por bom Ministro” e ele mesmo, respondendo, assim o diz e assim o disse várias vezes...

Quando a rebelião estava perdida, muitos dos conspiradores, a fim de salvar a pele, procuraram somar-se à denúncia de Silvério, Brito Malheiro e Pamplona. E até Alvarenga Pezoto, que parecia firme em tudo, pensou nisso e confidenciou à mulher o seu propósito. Bárbara Heliodora salvou-o da ignomínia, impedindo-o de ir ao Visconde de Barbacena consumir a delação. O Alferes manteve-se sereno, porque, ao contrário do que dele quis fazer a historiografia oficial, era o mais sensato dos conspiradores. Era um homem de saber, todo na

experiência, construído na solidariedade para com as pessoas comuns da Capitania. Conforme frei Raimundo de Pennaforte, que o conheceu bem, o Alferes “era o daqueles indivíduos da espécie humana que põem em espanto a própria natureza”. Se alguma coisa poderia atenuá-lo era a esperança.

O seu tropicínio é de plena atualidade, ao dizer aos juizes que o interrogavam que “é de má política o vexar o povo, pois este, assim oprimido, pode im-

tar os ingleses da América do Norte, o que é exequível no Brasil, principalmente se se reunirem as Capitanias de Minas, São Paulo e Rio de Janeiro”.

Os inconfidentes tinham um projeto de nação. Esse projeto era o de construir aqui uma sociedade próspera, com a consciência de que o povo estava sendo espoliado pela Metrópole. O País tinha tudo para progredir: recursos naturais, população densa para a época, e concentrada nas três capitanias e quadros competentes, como o químico Alvaras Maciel, que produzia a pólvora necessária. Mas apenas quatro anos antes, em 1785, um alvará de D. Maria mandara destruir os tearas que havia em Minas. Só lhe faltava a soberania.

O alvará de hoje é o contrato com o FMI. Juscelino definiu o Fundo como “um gentlemanly agreement”, estabelecido entre as grandes potências, com o objetivo de conservar as nações subdesenvolvidas como simples fornecedoras de matéria-prima, e fornecendo seus produtos a preços impostos pelos grupos financeiros internacionais”.

Pensando assim, quem são mesmo os êmulos do coronel Joaquim Silvério dos Reis?

Mauro Santayana é jornalista

do que dele quis fazer a historiografia oficial, era o mais sensato dos conspiradores” (Mauro Santaiana, “Um Homem Sensato”, *Diário de Araguari*, Araguari, 27 fevereiro 1999).

A própria historiadora

paulista Laura de Melo e Sousa, acima citada, reconheceu: “Tomemos a fala do Tiradentes. Quando ele diz que Minas é um país riquíssimo e todo o ouro vai para fora, isso denota uma PERCEPÇÃO AGUDA DA SUJEIÇÃO COLONIAL, isto é, de que a situação colonial impede que a riqueza seja revertida em benefício da população” (apud Ricardo Musse, “Tiradentes, Um Herói Desvairado”, *O Estado de São Paulo*, São Paulo/SP, 18 abril 1992, destaque nosso).

Também Oto de Alencar, que nas citações acima investiu frontalmente contra Tiradentes, não pôde deixar de constatar que “havia um alferes (suboficial) em Ouro Preto, que foi

*patriota de fato* (sic). *Participou da Conjuração Mineira de 1789 (conhecida como Inconfidência Mineira) que queria a independência de Minas Gerais da Coroa Portuguesa e era republicano e foi o único que se declarou, de fato, revolucionário, enquanto os outros negaram*” (Oto de Alencar de Sá Pereira, “Tiradentes, Um Dos Mais Graves Enganos da História”, *Portal Conservador*, baixado em 08 setembro 2023).

Como, então, “engano”?

Já Aldo Rebelo, ex-deputado federal e três vezes ex-ministro (da Defesa, do Esporte e da Integração Nacional), ao rebater a acima citada coleção do PSDB, assegurou: “*A Conspiração ou Conjuração Mineira (Inconfidência é o insulto dos algozes) foi o primeiro movimento na Colônia a propor a Independência e a República. Apresentar os revoltosos como um grupelho de sonegadores de impostos é ignorar o quadro internacional em que fermentava não só a decadência do colonialismo mercantilista como o vendaval republicano soprado no Novo Mundo desde a grande Revolução [Norte-Americana]*” (Aldo Rebelo, “A Nova História Oficial”, *Folha de São Paulo*, São Paulo/SP, 10 janeiro 2000).



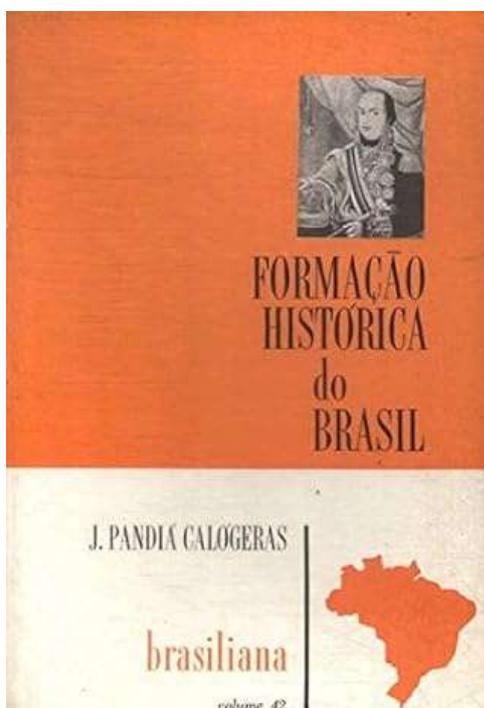
Frei Raimundo Penaforte, confessor de Tiradentes, dele afirmou: “foi um daqueles indivíduos da espécie humana que põem em

*espanto a própria natureza” (apud* *Ciro Siqueira, “Uma Tese Reducionista a Respeito de Tiradentes”, Estado de Minas, Belo Horizonte, 03 junho 2000).* Que é o máximo que se pode dizer de uma pessoa.

Ângelo Osvaldo, pela quarta ou quinta vez prefeito de Ouro Preto e brilhante ensaísta, manifestou a respeito da publicação do PSDB (Partido da Social Democracia Brasileira) que *“a referência depreciativa à Inconfidência Mineira, que exala de uma publicação do PSDB, seria mais um ensaio revisionista em busca de sensação, entre tantas que frequentemente rondam o tema, não fosse, ao que tudo parece indicar, clara manifestação da ideologia que domina o comportamento cultural do tucanato vigente.”*, aduzindo em seguida em notável síntese histórica que *“em Minas Gerais o que se viu, em círculos desfeitos antes que pudessem alcançar a praça pública, foi o desenho arrojado de um projeto de nação no mesmo plano da Revolução [Norte-]Americana triunfante e das ideias iluministas que sustentariam a Revolução Francesa”.* (“Uma Operação Neoliberal”, *Estado de Minas, Belo Horizonte, 17 fevereiro 2001).*



Já Kenneth Maxwell, em obra sobre o tema de larga repercussão, concluiu que *“ao contrário do grande historiador Capistrano de Abreu, que considerou o movimento tão insignificante que não mereceu ser incluído em sua História do Brasil Colonial, penso que teve importância capital para o período”* (Devassa da Devassa, p. 14, apud Miguel Augusto Gonçalves de Sousa, *“Tiradentes e a Inconfidência”* (sic), *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 03 março 2001).



Pandiá Calógeras, em texto lapidar, sintetizou com objetividade, tanto a posição de Tiradentes quanto a da Conjuração Mineira.

Sobre o primeiro, afirmou: Tiradentes *“não era, por certo, o conjurado de mais alta significação, quer na hierarquia, quer na influência. Era, entretanto, um entusiasta, republicano, alma nobilíssima, de dedicação ilimitada a seu ideal e a seus amigos, apóstolo humilde mas convencido de um credo de liberdade e de independência [...] A admirável conduta superior de Tiradentes durante o processo, calma, nobre, desprendida, chamando a si todas as responsabilidades, procurando salvar a seus companheiros de rebeldia pela atenuação da parte que nesta haviam tido, tal preeminência moral o sagrava como verdadeiro chefe, condutor de homens, a mola essencial de toda*

*a Conjura. Aos contemporâneos, como aos pósteros, apareceria unanimemente aclamado como cabeça de nobre tentame, enquanto a serenidade de sua conduta e seu amor fraterno e cristão aos seus colegas de desventura o apontava como mártir, a querer atrair sobre si, para por todos expiar, todo o peso da vingança e da sanção da lei penal” (Formação Histórica do Brasil. 8ª ed. São Paulo/SP, Cia. Editora Nacional, 1980, p. 50 e 51).*

Do mesmo modo, com sua visão abrangente e isenta, depôs sobre a Conjuração, conquanto ainda, como é vezo generalizado no país, denominando-a de Inconfidência: “Antes mesmo de nascer, a Inconfidência tinha morrido. Resumira-se em planos,



## O Tiradentes

Uma biografia de  
Joaquim José da Silva Xavier  
**LUCAS FIGUEIREDO**

COMPANHIA DAS LETRAS

*projetos e conferências vagas. Nada fora feito para a transformar em realidade. Sua importância, entretanto, manifestou-se com o decorrer do tempo, não em execução, mas como sintoma. Dera a medida da opinião pública, índice da hostilidade generalizada contra a administração lusitana e seus métodos. Nela, despontava a*

*Independência” (idem, idem).*

Já Lucas Figueiredo, em extensa biografia de Tiradentes, palmilhou todo seu sofrimento na prisão e, importante, revelou as linhas gerais da defesa por advogado designado *ad hoc*, José

de Oliveira Fagundes, que “*mesmo tendo disposto de um período curto para estudar o caso, Fagundes compôs uma peça sólida, bem estruturada e muito perspicaz*” (*O Tiradentes – Uma Biografia de Joaquim José da Silva Xavier*. São Paulo/SP, Cia. das Letras, 2018, p. 343).

Nessa peça, Fagundes, conforme Figueiredo, armado da melhor tática de defesa em casos que tais, procurou minimizar tanto o papel das programado levante quanto as pessoas que dele participaram: “*A descrição mais arrasadora coube a Tiradentes, o primeiro a ser mencionado por Fagundes. De acordo com o advogado, Joaquim ‘era conhecido por loquaz, sem bens, sem reputação, sem crédito’, sendo impossível que pudesse arrastar alguns dos homens mais importantes de Minas Gerais para seu ‘imaginário’ levante. O ‘infeliz’ Tiradentes pintado pelo defensor era um homem tão absurdamente doido – ele se apropriou da fala de muitos de seus clientes – que só cabia mesmo perdoar o réu.*

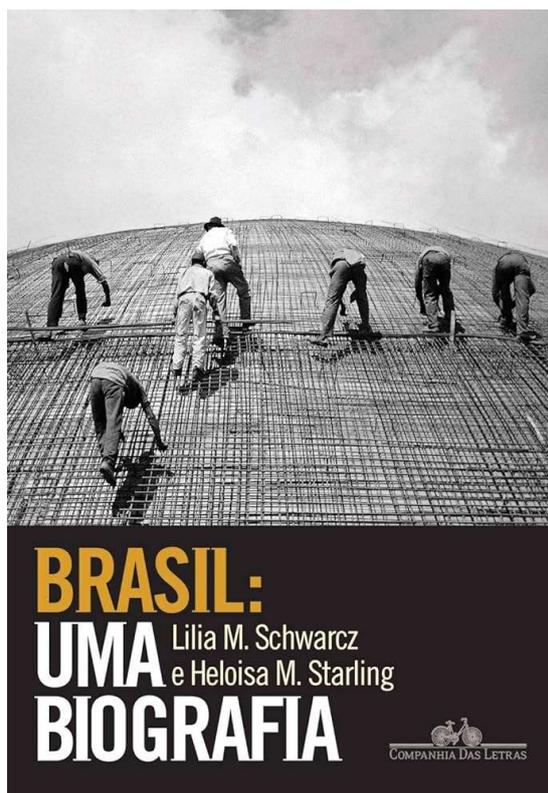
*Após colocar Joaquim na categoria dos insanos – e, portanto, inimputáveis – o advogado partiu desse ponto para livrar os outros acusados. Tendo o alferes confessado haver idealizado a sedição e depois intentado arrastar os demais réus para suas ‘quiméricas ideias’, e sendo ele um doido, tudo o que acontecera na sequência da Conjuração perdia efeito [...] A Conjuração Mineira, resumiu o advogado, não passara de uma patacoada inofensiva”* (idem, idem, p. 343 e 344).

Daí, em suma, advém muito do que se tem dito e repetido envezadamente sobre Tiradentes e a Conjuração ao se basear nos *Autos da Devassa* sem atentar para as circunstâncias, relativismos, parcialidades, antagonismos e táticas de acusação e de defesa de processos judiciais.

Por fim, as historiadoras Lília M. Schwarcz e Heloísa M.

Starling depõem, arrematando a questão: *“Tiradentes foi o mais ativo propagandista das ideias que sustentaram o projeto político da Conjuração Mineira e o grande responsável por colocá-las em circulação no interior de uma rede formada pelo entrecruzamento de diferentes grupos sociais. Muito do sucesso desse ativismo se devia à sua condição de extraordinária mobilidade: ele transitava pelos caminhos entre as Minas e o Rio de Janeiro e entre as variadas camadas em que se dividia a estrutura da sociedade mineira setecentista.”* (*Brasil: Uma Biografia*. São Paulo/SP, Cia. das Letras, 2015, p. 143).

Ainda mais, *“as ideias de autonomia e de República que Tiradentes divulgou percorreram virtualmente a Capitania inteira e foram irradiadas a partir de três centros de transmissão: as comarcas de Vila Rica, Rio das Mortes e Serro do Frio. Os temas de sedição, da autossuficiência econômica e*



*da autonomia política circularam pelas pousadias, ranchos e estalagens do Caminho Novo; transitaram por boticas, quartéis e portas de igrejas existentes nas vilas e em seu entorno; frequentaram as tabernas e casas de prostituição espalhadas pelas Minas e se esconderam nas montanhas do Serro do Frio, que fervilhavam de garimpeiros e faiscadores fora da lei [...] Mas os mineiros ficaram sozinhos. Nenhuma outra Capitania se aliou à Conjuração. O contexto internacional, por sua vez, foi especialmente desfavorável aos planos de autonomia das Minas” (idem, idem).*

(Inédito)

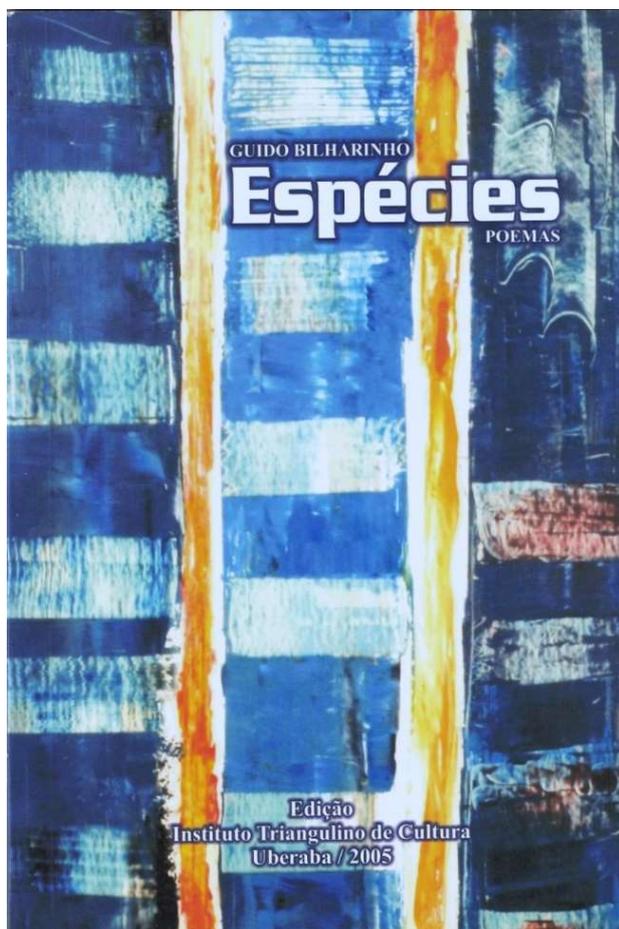
# Ficção e Poesia

## O EMPREGO

- Patrão, gostaria de lhe falar.
- Pois, não. Fale.
- É que, como sabe, estou na firma há muitos anos.
- Sei, é claro.
- Acumulei experiência, conheço toda a estrutura da empresa.
- Você fez por onde.
- A gente precisa trabalhar. E já que se tem de fazer alguma coisa, deve-se fazer bem ou pelo menos procurar fazê-lo, não é mesmo?
- Justamente.
- Ainda bem que concorda.
- Não há como não concordar. Isso é o certo, o correto. Para ambas as partes.
- Para ambas?
- Sim, para a empresa e para você. Há coincidência de interesses.
- Não deixa de ser isso mesmo.
- Claro que é. Para o empreendimento significa produtividade e qualidade. Para você, como para qualquer empregado em iguais condições, garantia de emprego e melhor nível salarial.
- Perfeitamente.
- Mas, parece que você não veio falar comigo sobre essas generalidades.
- Sim, quer dizer, não vim falar sobre isso de modo assim genérico mesmo não.
- Então, o que o fez me procurar?

- É que trabalho aqui há muitos anos, conheço tudo, acho que sou competente e tenho tino de direção.
- Sim?
- Sendo assim, penso que o que eu falar deve ser seguido aqui na empresa.
- Como assim.
- Acho que minha experiência, competência e dedicação autorizam-me a dirigir os negócios da empresa.
- Você quer dirigir a empresa?
- É. Acho que tenho todas as qualificações para isso. Que acha?
- O que acho?
- É.
- Que você está, desde já, demitido.

(do livro eletrônico *Ocorrências*,  
diálogos e textos, outubro 2021)



## Efígie

palavras      ges  
tos    e s p a r s o s  
palmas e punhos

corpo      breve

olhos      esca  
mas    de    cores

sorrisos      espe  
ra em compasso

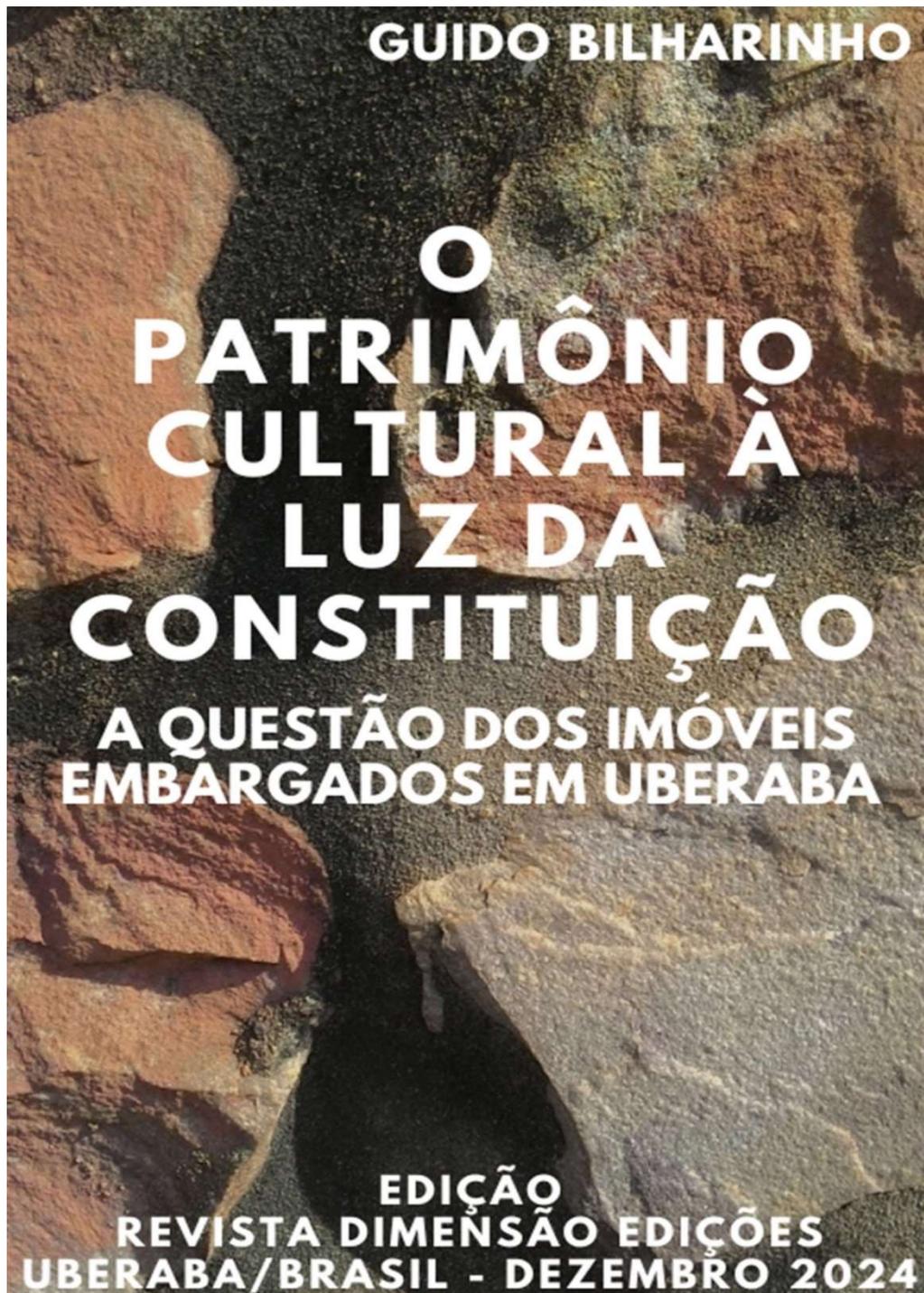
acenos      mãos  
olhares    enigmas

(do livro físico *Espécies*, poemas, 2005)

# Indicações

**ACESSO, LEITURA, IMPRESSÃO E  
COMPARTILHAMENTO INDIVIDUAIS  
LIVRES E GRATUITOS**

Lançamento



**NOS BLOGS:**

<https://guidobilharinho.blogspot.com/>

<https://guidobilharinho.wordpress.com/>

# BLOGS CULTURAIS

## BLOG EDITORIAL GUIDO BILHARINHO

60 LIVROS EM 70 VOLUMES EDITADOS

LITERATURA – CINEMA – HISTÓRIA DO BRASIL –

TEMAS REGIONAIS – ENSAIOS E ARTIGOS

<http://guidobilharinho.blogspot.com>

<https://guidobilharinho.wordpress.com>

PRINCIPAIS ACESSOS ATÉ 06/01/25: EE.UU. (11.600) – Brasil (10.000) –  
Singapura (1.240) – Alemanha (940) – França (549) – Rússia (479).

## DIMENSÃO

Revista Internacional de Poesia (1980 a 2000)

Coleção Completa - 635 poetas de 31 países

Índices Onomásticos - Repercussão da Revista

<https://revistadepoesiadimensao.blogspot.com.br>

<https://revistadimensao.wordpress.com>

PRINCIPAIS ACESSOS ATÉ 06/01/25: EE.UU. (3.030) – Brasil (2.180) –  
Singapura (362) – Portugal (186) – Alemanha (178) – Rússia (114).

## PRIMAX - Revista de Arte e Cultura

Edições em Português, Inglês e Espanhol

<https://revistaprimax.blogspot.com>

<https://revistaprimax.wordpress.com>

PRINCIPAIS ACESSOS ATÉ 06/01/25: EE.UU. (9.190) – Brasil (3.010) –  
Países Baixos (1.710) - Finlândia (1.340) – França (889) – Austrália (817).

# **NEXOS - Revista de Estudos Regionais**

<https://revistaregionalnexus.blogspot.com>

<https://revistaregionalnexus.wordpress.com>

**PRINCIPAIS ACESSOS ATÉ 06/01/25: EE.UU. (3.000) – Brasil (971) – Alemanha (204) – Singapura (118) – França (116) – Países Baixos (79).**

# **SILFO - Revista de Autores Uberabenses**

<https://revistasilfo.blogspot.com>

<https://revistasilfo.wordpress.com>

**PRINCIPAIS ACESSOS ATÉ 06/01/25: EE.UU. (3.360) – Brasil (778) – Reino Unido (361) – Países Baixos (246) – Finlândia (233) – Alemanha (224).**

# **BIBLIOGRAFIA SOBRE UBERABA**

**47 Livros Publicados**

**FUNDAÇÃO - EVOLUÇÃO ECONÔMICA - PIONEIRISMO -**

**HISTÓRIA - ATIVIDADES CULTURAIS - LEGISLAÇÃO**

**MUNICIPAL - MEIO AMBIENTE - SISTEMA FLUVIAL -**

**TEATRO – BIBLIOGRAFIA**

<https://bibliografiasobreuberaba.blogspot.com.br>

<https://bibliosobreuberaba.wordpress.com>

**PRINCIPAIS ACESSOS ATÉ 06/01/25: Brasil (5.650) – EE.UU. (4.070) – Singapura (604) – Alemanha (344) – França (337) – Romênia (195).**

# AUTORES UBERABENSES

13 Livros Publicados

POESIA – BIOGRAFIA – ARTIGOS –  
ENSAIOS – TEATRO

<https://autoresuberabenses.blogspot.com.br>

<https://autoresuberabenses.wordpress.com>

**PRINCIPAIS ACESSOS ATÉ 06/01/25: EE.UU. (1.000) – Brasil (771) – Alemanha (172) – Singapura (115) – França (59).**

# DIÁRIO DE UBERABA

de Marcelo Prata

Dezenove Volumes (1500-2019)

<https://diariouberabense.blogspot.com>

<https://diariodeuberaba.wordpress.com>

**PRINCIPAIS ACESSOS ATÉ 06/01/25: Brasil (1.370) – EE.UU. (1.110) – Alemanha (161) – França (62) – Reino Unido (45).**

# A FLAMA

Jornal Estudantil do Internato  
do Colégio Pedro II

<https://jornalaflama.blogspot.com>

<https://jornalaflama.wordpress.com>

**PRINCIPAIS ACESSOS ATÉ 06/01/25: Brasil (153) - EE.UU. (84) – Alemanha (18) – Austrália (16) – França (10).**